



A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

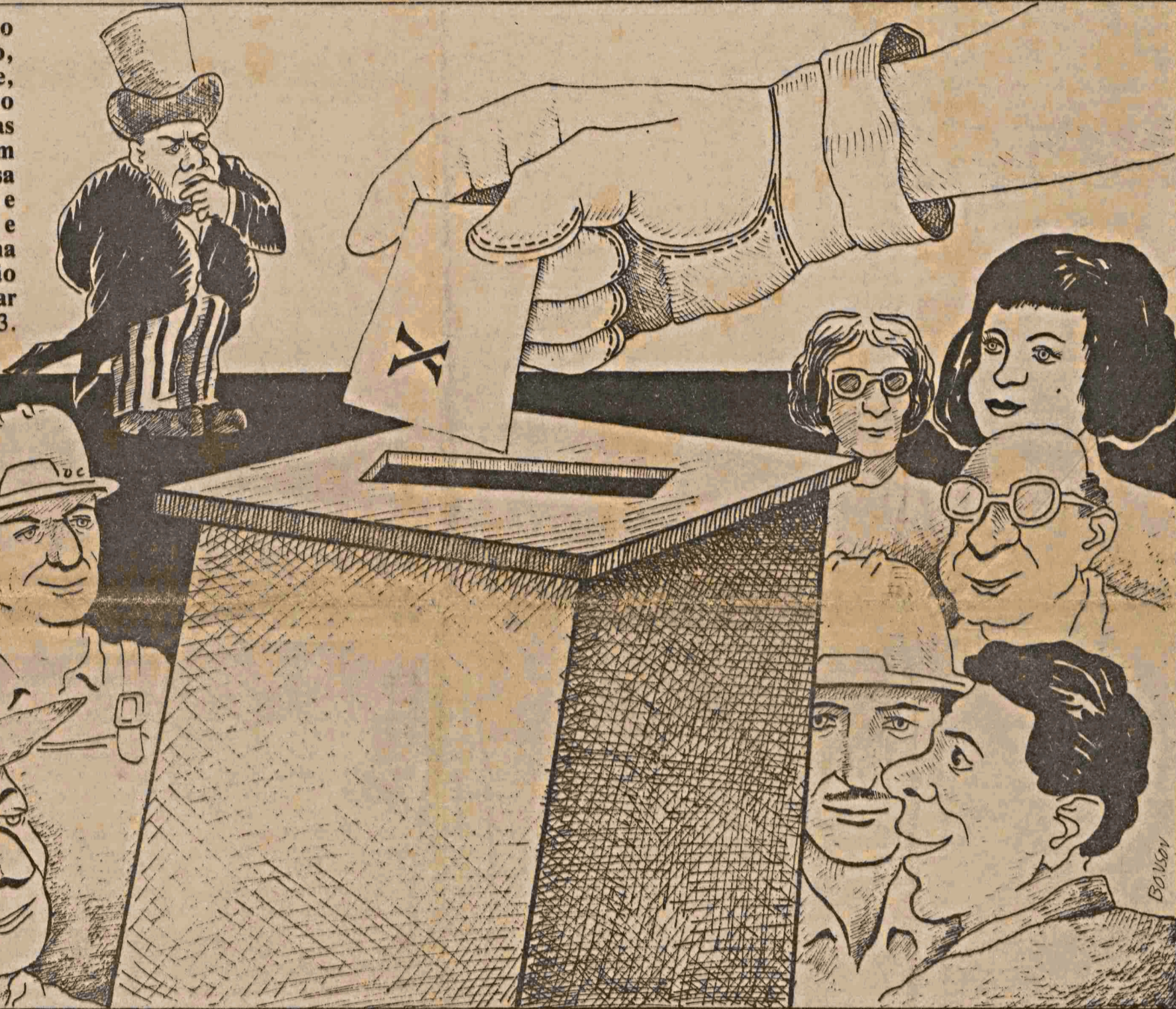
*A Nova República
deve pôr fim ao
militarismo*

Uma das tarefas importantes dos constituintes eleitos em 1986 será eliminar o militarismo. Mesmo com a implantação da Nova República, as Forças Armadas continuam querendo dar as "cartas". Página 3.

Eleições municipais

Democratas precisam se unir contra o retrocesso

Jânio em São Paulo, o brizolismo no Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, forças da reação e do retrocesso ameaçam as conquistas democráticas em todo o Brasil. Para vencer essa batalha os democratas e progressistas devem se unir e aumentar a combatividade na campanha eleitoral. A opinião dos comunistas e o desenrolar da campanha na página 3.



**Só o partido
pode
construir o
socialismo**

Página 6

**A Classe muda
e cresce**

A partir deste número A Classe Operária adquire outro formato, num esforço para melhorar a gráfica e editorialmente o jornal.

Companheiro, ajude a manter o seu jornal! Envie doações para a conta 033501 — 0 — Agência Major Diogo do Bradesco — em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda — São Paulo — Capital

Editorial

Justa exigência da classe operária

Está na ordem do dia a luta pela trimestralidade, exigência do proletariado. O governo e sua equipe da área econômico-financeira, bem como o empresariado declaram-se contrários a essa reivindicação. Alegam, sem nenhum fundamento, que a trimestralidade fará crescer os índices inflacionários e agravar, portanto, a questão social. É uma opinião enganadora.

A inflação é resultado da crise que se abate sobre o país e esta tem o seu epicentro na brutal espoliação estrangeira. É aí que se deve atacar, fundamentalmente, o processo inflacionário e criar as condições para a retomada do desenvolvimento econômico. Não é o aumento de salários que gera a inflação. Se assim fosse, então o Brasil não estaria afetado desse mal, porque durante vinte e poucos anos de ditadura militar prevaleceu o arrocho salarial. E apesar disso, a inflação chegou ao nível dos 250%.

Há várias maneiras de combater a inflação. O esquema oficial, em vigor, faz recair as duras consequências desse combate sobre o povo. É um esquema da grande burguesia e do FMI que exige que se façam sacrifícios, se aperte mais o cinto, enquanto eles, os exploradores, não admitem que se toque num centavo de seus lucros.

Salário é o preço da mercadoria força de trabalho. Quando o governo impõe, sob o pretexto de luta contra a inflação, a semestralidade do reajusta-

mento salarial, está congelando na prática por seis meses o preço dessa mercadoria (força de trabalho). Mas os preços das outras mercadorias não são congelados ou são precariamente por algumas semanas e assim mesmo de uns poucos produtos. Tudo sobe, desde os gêneros alimentícios até as tarifas de serviço público (a de energia elétrica, agora, sobe mensalmente), desde os remédios até os aluguéis. Somente os salários terão que ficar estabilizados na baixa, por um semestre! É inadmissível. Na situação atual, cada semana o dinheiro se desvaloriza. Se os operários tiverem que esperar seis meses para obter reajustamento em seus ganhos, quando o fizerem os salários já estarão reduzidos a menos da metade do seu valor nominal. E quem ganha com isso? São os que exploram a mão-de-obra. A semestralidade corresponde, de fato, a uma redução permanente dos salários em favor da burguesia.

É evidente que o governo necessita de recursos. O déficit orçamentário e a dívida interna são gigantescos. Onde buscar o dinheiro para equilibrar as finanças públicas? Antes de mais nada, suspendendo o pagamento dos juros escorchantes (1 bilhão de dólares por mês) aos banqueiros internacionais. Simultaneamente, taxando com rigor os lucros excessivos dos bancos e das grandes empresas. Sabe-se que há bancos no país que chegam a alcançar lucros anuais de 600%. E empresas, como por exemplo a

Goodyear, a Pirelli e outras, que embolsam 80%, 100%, 160% de lucros líquidos! Outras medidas contra lucros abusivos têm cabimento, como é o caso da eliminação do subsídio invisível às grandes indústrias e empresas rurais nas mãos de grandes capitalistas. Eles se beneficiam de tarifas reduzidas de energia elétrica que, afinal, conduzem ao encarecimento da eletricidade para o consumo residencial. Tal subsídio precisa acabar.

Vê-se assim que o combate à inflação é principalmente um problema político e de classe e não só econômico ou financeiro. Quem deve pagar a crise? Aqueles que realmente a produzem. Que os ricos paguem a crise. O povo, os trabalhadores é que não podem nem devem pagá-la.

Os assalariados têm pleno direito de exigir a trimestralidade. E é preciso que se diga que esta exigência é uma forma de apenas reduzir e não de terminar com a constante deterioração dos salários. Mesmo reajustada cada três meses a retribuição do trabalho, os operários perdem, porque durante esse período seu poder de compra diminui sem cessar.

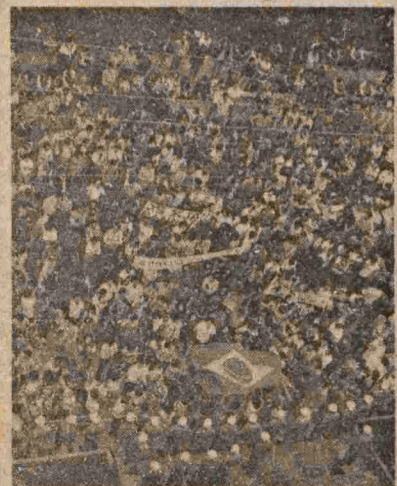
Lutando pela trimestralidade os trabalhadores estão apontando a saída para a crise — golpear os que exploram a nação e defendem apenas seus interesses mesquinhos. Combatem ao mesmo tempo pela liberdade, por direitos sociais, pelas transformações profundas que o país reclama.

**O PC do B tem
que crescer e
ampliar sua
influência**

Página 7

**A luta dos
bancários,
dos metalúrgicos
e das mulheres**

Páginas 2 e 4





Metalúrgicos estão mobilizados e podem ir à greve

Metalúrgicos paulistas preparados para a greve

Outubro é o mês decisivo na campanha salarial dos metalúrgicos da capital paulista. O descontentamento da categoria de 400 mil operários, somado à linha dura adotada pelos patrões nas últimas negociações salariais, indica a tendência para a greve. É o que relatou à **Classe Operária** o secretário do Sindicato, Eustáquio Vital.

“Pelo que a gente viu nas últimas campanhas salariais”, diz Vital, “os patrões não querem conversa. Por isso, a gente vai preparar a categoria para a greve”. Para isto, já foi realizada a primeira assembleia da campanha, ainda em setembro, onde foram definidas as reivindicações da categoria.

Os operários vão centrar sua luta em três pontos, de acordo com o dirigente: aumento real de 20%; reajuste trimestral com base em 100% do INPC; e redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução de salário. “Estas”, anuncia Vital, “vão ser o carro-chefe da campanha”.

Plano de campanha

O Sindicato está disposto a preparar a categoria para a paralisação, caso os patrões não se disponham a

ceder. Assim, já tem um plano de trabalho que inclui reuniões por setor, concentrações em todas as áreas no dia 11 e a próxima assembleia no dia 18. Ao longo de todo o mês, serão feitos comícios nas portas de fábricas e, no dia 1.º de novembro, a assembleia decisiva.

É, portanto, em outubro que a campanha promete esquentar. De acordo com Vital, “existe clima para a greve, clima que a própria situação está criando. Em uma semana, duas empresas entraram em greve. Apesar de a gente achar que era melhor esperar novembro, para entrar todo mundo junto, os operários não querem esperar. Querem melhorar o salário. Há um grande descontentamento, e cabe a nós canalizar este sentimento para uma luta unitária”.

Batalha política

Os metalúrgicos da capital percebem que a postura dos patrões vai exigir unidade. Dentro do quadro político criado na Nova República, as lutas salariais assumem uma projeção política diferente da que se produzia sob o regime militar. Antes, o governo se colocava como superpatrão, lançava a polícia contra os grevistas e decretava intervenção sobre os sindicatos. Agora, há um clima de liberdade, como se demonstrou muito especialmente durante a greve dos bancários.

Além do choque entre empregados e patrões, porém, esta campanha marcará mais um round entre os setores reacionários, que insistem em culpar os salários pela inflação, e os que defendem a recuperação do poder de compra dos trabalhadores como caminho para tirar o país da crise e retomar o crescimento econômico.

Neste quadro, reivindicações como a trimestralidade exigem antes de mais nada a unidade da classe operária. Neste sentido, Vital relata que o Sindicato dos Metalúrgicos tem apostado na articulação entre todas as categorias com data-base neste período para a luta comum em torno das reivindicações políticas. “A gente vai para a briga”, finaliza.

Os bancários realizaram em setembro a maior mobilização sindical desde a implantação da Nova República. A greve nacional dos dias 11 e 12, que paralisou cerca de 550 mil trabalhadores, foi a maior da história da categoria e representou uma grande vitória nos terrenos político e organizativo, além de assegurar conquistas parciais no terreno econômico.

“Os banqueiros sofreram uma grande derrota. Não acreditaram na greve, apostaram no choque entre governo e bancários e saíram politicamente enfraquecidos”, avalia Ederaldo de Oliveira, diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo. A verdade é que ficou evidente para a opinião pública a desproporção entre os lucros dos bancos, que tiveram crescimento real, descontada a inflação, de 58,7% no primeiro semestre, e os salários pagos aos bancários.

Categoria aviltada

A greve teve como maior fator de impulso a própria situação em que a categoria é colocada pelos patrões. Uma das palavras-de-ordem que fez maior sucesso nas assembleias foi: “1, 2, 3, 4, 5, mil; queremos ver o banqueiro viver com 500 mil”.

Além dos baixos salários, a rotatividade no emprego castiga anualmente 150 mil dos 700 mil bancários. Só em São Paulo, o índice de rotatividade atinge 25%. É uma categoria jovem e com pouca experiência acumulada, mas que revelou, frente a esta situação de arrocho a que é submetida, decisão e vontade para lutar.

Neste sentido, os dirigentes sindicais de São Paulo ressaltam o papel das mulheres e dos jovens. As bancárias, que representavam em 1979, segundo dados do DIEESE, 49% da categoria, tinham tradicionalmente uma participação ainda pequena no sindicato. “Mas na greve tiveram atuação destacada e em vários lugares dirigiram os piquetes. Na região da Avenida Paulista, a segunda mais importante de São Paulo, elas formaram 70% dos piquetes”, relata Ederaldo. Já os jovens, de acordo com os sindicalistas paulistas, enfrentaram a repressão patronal, os cárceres privados e conseguiram parar o Bradesco, local considerado dos mais difíceis.

Avanços políticos

A última greve nacional dos bancários tinha ocorrido em 1963. Desde então, a categoria ficara bastante



Bancários foram às ruas exigir seus direitos

fragmentada, inclusive com as datas-bases dos diversos Estados diferenciadas, para dificultar a articulação das campanhas salariais. Durante o ano passado, a unificação das datas-bases foi conquistada e, com isso, abriu-se a possibilidade de unir nacionalmente a campanha.

O alto índice de rotatividade, entre outros fatores, dificulta a formação de lideranças; como um todo, os bancários possuem pouca experiência de luta e um nível de consciência política ainda pequeno.

Neste aspecto, segundo a opinião dos dirigentes sindicais, a greve proporcionou avanço. Nesta categoria em que um em cada três trabalhadores é, de alguma maneira, “chefe”, “existia muita ilusão quanto às possibilidades de ascensão”, relata Ederaldo. E ele avalia que “a greve ajudou a quebrar um pouco esta ilusão. Nos últimos vinte e poucos anos, nunca houve consciência a nível nacional da categoria. Agora, ela tomou consciência de sua força”.

Outro Estado que se destacou pelos índices de paralisação foi o Espírito Santo. Lá a greve foi preparada e dirigida pela diretoria recém-leita, encabeçada por João Amorim. “Saímos do imobilismo das campanhas anteriores, em que a diretoria era contra até atos de repúdio”, conta Amorim. Neste processo, em que se realizou uma das maiores assembleias sindicais de Vitória, com 3 mil bancários, revelaram-se novas lideranças nos piquetes e passeatas durante a paralisação.

A Bahia foi o Estado onde a greve mais se prolongou. Somente no dia 13 o Tribunal Regional do Trabalho apresentou proposta semelhante à aprovada em São Paulo e outros Estados, in-

cluindo ainda o pagamento dos dias parados. O índice de paralisação em Salvador, resultado do trabalho de preparação desenvolvido pelo Sindicato, foi de 100% das agências bancárias.

Em todos os Estados, a disposição dos bancários de ir à greve garantiu o sucesso do movimento. Em Belo Horizonte, por exemplo, a diretoria do Sindicato posicionou-se contra a greve, mas a assembleia passou por cima dos pelegos e decidiu pela paralisação. O mesmo aconteceu em Goiânia. “A categoria demonstrava disposição de luta, empurrando as lideranças”, avalia o comando nacional de greve.

Unidade pela base

Este mesmo vigor com que os bancários impulsionaram a greve foi responsável pela exemplar unidade com que o movimento foi conduzido. De acordo com o comando de greve, “a categoria empurrou as lideranças sindicais para a unificação. Divergências ideológicas passaram a um plano secundário, pois uma luta maior se impunha”.

Ederaldo de Oliveira antevê as possibilidades de superação da divisão por que passa o movimento sindical com a intervenção decidida dos trabalhadores: “Não existia perspectiva de solução para as divergências do movimento sindical. Com a greve, abriu-se espaço para a reunificação”. Foi em São Paulo, onde o Sindicato vive em profundidade o problema da divisão, que apareceu com maior força a defesa da unidade. “Quem não defendesse a unidade nas assembleias”, conta Ederaldo, “era vaiado”.

Aprofundar o trabalho

Para o PCdoB, a greve

nacional dos bancários foi uma experiência valiosa. Todos os comunistas que atuam no setor se colocaram ombro a ombro com os companheiros de trabalho nos piquetes e nas assembleias, debatendo a condução vitoriosa do movimento. Em meio ao surgimento das novas lideranças, os comunistas puderam aprofundar seu trabalho nesta que é uma categoria de importância fundamental para a economia brasileira.

Em São Paulo, os camaradas divulgaram três boletins com as reivindicações da greve e difundindo as posições do Partido. Segundo sua avaliação, foi uma iniciativa bem recebida, que levou a que alguns ativistas procurassem os endereços do PC do B para organizar piquetes.

Os comunistas de São Paulo concluem que “é necessário dar uma atenção maior às especificidades da categoria, para que o Partido atue dentro dela”.

No Espírito Santo, a intervenção do PC do B foi importante para o sucesso do movimento, assegurando a unidade entre todos os setores dispostos a impulsionar a luta adiante. “Nossa perspectiva é de crescer muito na categoria, na medida em que sua consciência avança”, avaliam os camaradas capixabas.

A nova situação política criada com a Nova República foi sem dúvida um fator que favoreceu o sucesso da greve dos bancários. Com maior liberdade, a categoria pôde se organizar melhor. Mas na área econômica do Governo voltaram a se manifestar tendências conservadoras, que insistem em fazer dos salários o bode expiatório da crise econômica e abrem as baterias contra a trimestralidade.

Vida nas Fábricas

Ritmo aumenta, produção cresce e salários, nada!

COMPANHEIRO! Esta seção está aberta à colaboração dos operários. Ela pretende refletir a realidade da vida nas fábricas, com denúncias, análises, fatos inéditos.

Não deixe de colaborar, enviando-nos cartas ou notas indicativas.

A REDAÇÃO

A solução que a Indústria e Comércio Brosol Ltda., associada a capitais alemães e franceses, localizada em Ribeirão Pires, São Paulo, en-



controu para enfrentar a queda na demanda de carburadores por parte da indústria automobilística, foi dispensar empregados e fazer com que cada operário da linha de montagem trabalhasse por três.

Ao lado disso, a fábrica faz apelos à colaboração para que os operários — 80% são mulheres — aumentem ao máximo a produção. Isso tem provocado um sentimento de revolta.

Para atender o pedido de 16 mil carburadores, a fábrica determinou que sejam produzidos 400 por dia. Dessa maneira, não há mais tempo para café. O horário fica sendo de 7:15 da manhã às 5:30 da tarde, com uma hora de almoço.

A fábrica tem mais de 2 mil empregados. Há algum tempo, antes de começar a

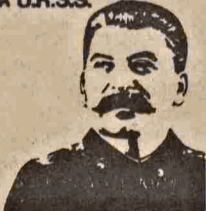
demitir (por sinal, foram 150 demissões), ofereceu aos empregados a “vantagem” de três salários adiantados para quem saísse espontaneamente. Foram pouquíssimos os que aceitaram, e por uma razão muito simples: quem pensou que ia arranjar outro emprego em seguida, se enganou. O dinheiro acabou e foi necessário procurar emprego em fábricas que ofereciam menos que o salário ganho anteriormente.

Na Brosol, o piso salarial para o iniciante é Cr\$ 670 mil e, após 3 meses, passa a Cr\$ 710 mil.

EXPEDIENTE

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Redação e Administração:
Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - Bela Vista
Telefone 251-2729 - CEP 01317 - São Paulo - Capital
Diretor e jornalista responsável:
João Amazonas
Diagramação:
Vinicius Garcia
Composição e Impressão:
Cia. Editora Jorjues
Exemplar avulso - Cr\$ 1.000
Assinatura anual - Cr\$ 12.000
Distribuição nacional em bancas:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. 270-8086 - CEP 21031

STALIN PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U.R.S.S.



Uma grande obra por Cr\$ 20.000

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - CEP 01317
Tel. 251-2729
São Paulo - Capital
Cheque nominal - Vale Postal ou Reembolso Postal (para pedidos acima de Cr\$ 40.000)

VITÓRIA ELEITORAL ISOLARÁ A REAÇÃO

José Renaldo Carvalho

A campanha eleitoral entra em sua fase decisiva. As atenções dos partidos, dos parlamentares, candidatos, órgãos de imprensa e do eleitorado voltam-se para as pesquisas e prognósticos. Não são poucos os que fazem planos tendo em vista 86 e até 88.

Porém, nota-se na maioria das capitais e municípios onde o pleito se realizará, uma fraca participação popular e uma ainda mais débil discussão política. Salvo raras exceções, os candidatos privilegiam o debate dos temas locais, numa visão municipalista ou mesmo paroquial da luta que se trava.

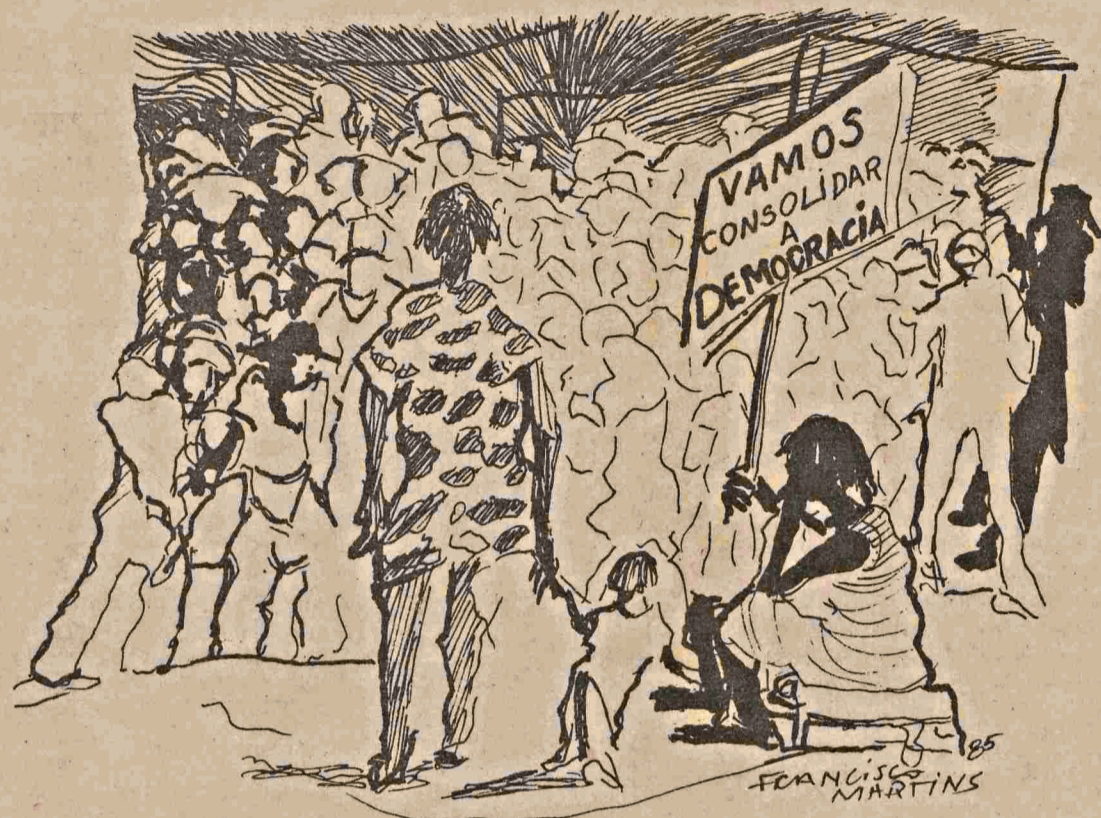
Quanto às formas de arregimentação e mobilização dos eleitores, tem-se dado preferência à propaganda eleitoral através dos grandes meios de comunicação ou à agitação e propaganda visuais. A mobilização das amplas massas em grandes comícios ou outras ações mais combativas, assim como a organização de comitês eleitorais nas fábricas, escolas, bairros ou categorias profissionais não é ainda a regra geral da presente campanha.

Consolidação democrática

No entanto, são amplas as possibilidades de avanço político do povo brasileiro no processo eleitoral em andamento. As eleições para prefeito, conquanto se revistam de aparência local, têm extraordinário significado político de dimensões nacionais. Uma postura correta das forças consequentemente democráticas enseja que se dêem passos concretos tendo em vista o fortalecimento da unidade do povo alcançada nas lutas do ano passado que levaram ao fim do regime militar.

Outrossim, as eleições deste ano podem significar muito em termos de ampliação e consolidação da democracia em nosso país. Existem condições objetivas suficientes para elevar ainda mais o nível político do povo e imprimir um rumo progressista à Nova República.

Mas isto depende de dois fatores: primeiro, da intensifica-



ção da participação popular na campanha; segundo, da conquista de uma vitória expressiva nas urnas por parte das forças que dão sustentação ao regime democrático e estão interessadas em aprofundar o processo de alargamento das liberdades políticas, bem assim de efetivação das transformações que a nação reclama. Uma derrota eleitoral teria sentido inverso. Implicaria num deslocamento à direita, que vem sendo tentado através da articulação das forças políticas reacionárias, ligadas ao velho regime, ou interessadas em barrar o avanço democrático, circunscrevendo-o aos limites rígidos de uma contrafação chamada "democracia relativa".

Unidade e luta

O "segredo" da vitória está contido na própria experiência da luta, mais recente de nosso povo: luta decidida e unidade. No presente momento é imperioso discutir com o povo, ao lado das questões mais imediatas de cada capital ou município, as grandes questões nacionais. Se o Brasil não muda, se

não adota um novo rumo político, uma nova orientação econômico-financeira, uma nova política social, nenhum município enfrentará qualquer problema específico.

E isto se relaciona com a implementação das mudanças exigidas nas ruas e praças deste imenso país, que passam pela adoção de uma atitude firme e decidida, patriótica, em face do FMI, exige que se estanque a sangria de divisas, exige ainda a abordagem de problemas como a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma do ensino, do sistema habitacional, do transporte, sanitário etc.

Tais mudanças só ocorrerão efetivamente se as amplas massas trabalhadoras, as mais amplas camadas da população brasileira tomarem em suas mãos os destinos do país, participando ativamente da vida política. Nenhum encaminamento elitista logrará êxito. Qualquer enfraquecimento da mobilização popular, a subestimação de suas organizações representativas ou a manifestação de preconceitos anticomunistas redundará em fortalecimento da reação, da direita.

Não dispersar

Mas, o movimento democrático e popular só marcha unido. O atual processo eleitoral tem revelado a existência de interesses mesquinhos, particularistas, grupistas no interior da Aliança Democrática. Nem todos os setores das amplas coligações que se formaram estão trabalhando com o devido afinco para vencer o pleito de novembro. Alguns põem em primeiro plano seus próprios interesses, projetos exclusivistas, muitos dos quais até pretensiosos, de chegar ao governo do Estado e de conquistar posições de mando na política local. Esquecem-se de que muitos desses planos podem esmaecer-se se os candidatos democráticos obtiverem resultado negativo.

O grande lema da vitória democrática "Não Vamos Nos Dispersar!" deve estar bem presente nas ações políticas a partir de agora. Hoje ele se concretiza na arregimentação de todo o povo e na preserva-

Unidade e combatividade

As últimas pesquisas eleitorais mostraram claramente qual foi o jogo que a reação fez em todo o Brasil para tentar o retrocesso e voltar ao poder. Principalmente nos grandes centros, como São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Vitória, São Luiz e outras capitais, onde o PMDB e as forças democráticas são fortes e enraizadas, a reação tentou dividir os democratas e se unir em torno de candidaturas divisionistas, conservadoras e retrógradas.

A maior característica dessa artimanha política ocorre em São Paulo, onde o PTB com seu insepulto Jânio Quadros, conseguiu unir as forças malufistas, delfinistas e reacionárias e ameaçar as conquistas democráticas. Em São Paulo, o PDS e o setor malufista do PFL sequer lançaram candidatos, jogando toda a sua força na candidatura retrógrada de Jânio.

No Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba, principalmente, o papel jogado pelo brizolismo, de dividir as forças democráticas, serve como pano de fundo para o retrocesso, já que sedimenta, não o avanço democrático e progressista, mas sim o projeto golpista do caudilho pedetista. Nestas três capitais, urge lutar para que as candidaturas democráticas alcancem um alto nível de unidade e combatividade para se esmagar o projeto brizolista e o retrocesso. Em Porto Alegre e Curitiba, não há dúvida de que o PMDB e seus candidatos representam o avanço, enquanto que no Rio de Janeiro, ainda se busca uma unidade das forças democráticas para derrotar o caudilho Brizola.

Dura Batalha

Tanto nestas capitais, como em outras, onde o processo é mais simples, porque engloba a luta entre o PDS e seus aliados e o PMDB e as forças democráticas, a luta eleitoral tem-se mostrado renhida e os candidatos populares enfrentam grande cerco. Mesmo em Salvador e Goiânia, onde o índice de popularidade dos candidatos do PMDB é enorme, a luta ainda não está ganha e depende fundamentalmente da sedimentação da unidade alcançada até agora e da combatividade das forças democráticas e progressistas.

Em Vitória, por exemplo, apesar do PMDB ter amplo respaldo popular e representar a maior força política estadual em aliança com o PCdoB e outras forças democráticas, o PDS e o PFL se uniram e ameaçam a candidatura democrática. Há ali também, a ameaça do divisionismo, representada pelas candidaturas do PT e do "PCB", que nada mais fazem que fortalecer o candidato do retrocesso.

Assim como em Vitória, também em São Luiz, Natal, Fortaleza, Maceió, Teresina e outras capitais do Norte e Nordeste, enquanto o PMDB com um todo, assim como as demais forças democráticas, não deixarem de lado seu egocentrismo e se dedicarem de corpo e alma à campanha dos candidatos democráticos, a eleição corre sério risco. Há que se considerar aí, o exemplo dos comunistas do PCdoB, que em todos os Estados onde fizeram coligação ou estão apoiando os candidatos democráticos, foram os primeiros a arregaçar as mangas e considerar os candidatos como seus companheiros de jornadas, indo à luta pela vitória e contra o retrocesso. Luiz Ap.

ção da unidade democrática em torno das candidaturas do PMDB ou do PSB em Recife, para ganhar as eleições de novembro, passo importante para varrer a reação e barrar toda intenção de retrocesso.

Nessa batalha, como em outras, os comunistas devem ser fator de unidade, contribuindo com o máximo de suas forças pela consecução dos objetivos da coligação democrática.

Democracia deve extirpar militarismo

A derrota do regime militar pelo povo nas ruas não significou ainda o banimento do militarismo da vida política nacional. Apesar de veementemente condenados pela opinião pública pelos desmandos que cometeram durante 21 anos, os generais pretendem ainda tutelar o país, ditar as regras de funcionamento das instituições políticas e se imiscuir nas contendas econômicas e sociais.

Alguns fatos que ocuparam o noticiário político nas últimas semanas mostram essa tentativa dos militares de ainda darem as cartas: primeiro foi o general Euclides Figueiredo, comandante da Escola Superior de Guerra, que em dois ou três discursos vociferou contra os comunistas e os democratas em geral, posicionando-se inclusive contra a legalização dos partidos que no tempo da ditadura foram constringidos à clandestinidade.

Depois foi a vez do ministro do Exército revelar seu apego ao passado, com a defesa que fez de seu colega de corporação, o coronel Brilhante Ustra, comprovadamente torturador de presos políticos nos porões dos órgãos repressivos. O fato gerou querelas e atritos e serviu para mostrar quem são os autores das crises político-institucionais e quais são os setores que exercem descabida pressão sobre o presidente da República e tentam desestabilizar o governo democrático.

Contra o avanço

Durante a justa greve dos bancários, agora em setembro, o SNI, execrável órgão de espionagem, serviu como caixa de ressonância dos banqueiros no interior do governo, e pressionou no sentido da adoção de uma linha dura nas negociações com os trabalhadores. Ingerências dessa ordem foram feitas pelo mesmo SNI no sentido da redação de uma versão piorada do documento sobre Reforma Agrária.

Com a convocação da Assembleia Constituinte e o início dos debates dos principais temas nacionais, os militares vêm a público, na pessoa de ex-ministros e do atual ministro do Exército, Leônidas Pires, defender "teses" sobre o papel dos militares. Segundo eles, a nova Carta a ser aprovada não deve mudar o papel das For-

ças Armadas como "guardiãs da ordem interna".

Evidentemente o que está em jogo para os generais, almirantes e brigadeiros não são meras formulações jurídicas ou questões semânticas. O problema de fundo é que as Forças Armadas brasileiras não se conformam com estar longe do poder, circunscritas apenas aos quartéis cuidando de seus afazeres profissionais. O papel que pretendem jogar é o de orientadoras e guardiãs das classes dominantes, tutoras da nação, defensoras do capital alienígena.

Posição do PC do B

O Brasil nunca terá um regime efetivamente democrático e o povo não gozará de autêntica liberdade política enquanto não extirpar pela raiz o mal do militarismo. O desalbro econômico-financeiro em que se encontra o país, os escândalos de corrupção envolvendo altas patentes militares, os crimes de lesa-humanidade como foram as torturas e os assassinatos de presos políticos e os fatos escabrosos como esses em que estão envolvidos o general Newton Cruz, o coronel Lauro Rieth, mandante do assassinato do jornalista Mário Eugênio, e outros militares, falam com contundência da necessidade de o regime democrático pôr fim à interferência das Forças Armadas na vida político-institucional da nação.

Por isso, são inaceitáveis as pressões que desde já se fazem sobre os futuros constituintes.

O nosso Partido já se posicionou de maneira inequívoca sobre a questão militar. No terceiro ponto de sua Declaração Programática afirma-se entre outras coisas: "Enquanto instituição militar, as Forças Armadas não poderão intervir na vida política do país. Os golpes de Estado ou tentativas de golpe serão severamente punidos. Não cabe às Forças Armadas desempenhar atividades de cunho policial ou para-militar, a segurança interna é da competência dos poderes públicos da União e dos Estados".

É grande a responsabilidade dos constituintes na discussão desse tema, pois uma postura conservadora, reticente ou dúbia poderá abrir brechas para aventuras de consequências nefandas.

Dezenas de partidos disputam voto do povo

Luís Aparecido.

Mais de trinta partidos já pediram registro ao Tribunal Superior Eleitoral depois que o Congresso aprovou, em maio, a Emenda Constitucional nº 25, que libera (apesar de manter algumas restrições) a criação de partidos no país. Apesar da aparente facilidade para a formação e organização de partidos, inclusive com a legalização de partidos colocados na clandestinidade, como o PC do B, ainda há muitas restrições à liberdade de organização partidária e subsiste ainda o Estatuto Padrão, que é uma verdadeira camisa-de-força organizativa.

Os comunistas que defendem a legenda histórica do PC do B, consideram que a nova lei orgânica dos partidos, em tramitação morosa no Congresso Nacional, deve sustar essas restrições ainda existentes e liberar as organizações da camisa-de-força do Estatuto Padrão. Consideram ainda os comunistas, que o leque partidário brasileiro é tímido e devido aos casuismos e ao entulho autoritário ainda existente, não reflete o conjunto do pensamento político nacional. Apesar de já praticamente legalizado, o PC do B continua lutando pela mais ampla liberdade partidária e organizativa do povo brasileiro.

Base social

Destes mais de 30 partidos em organização ou já organizados e registrados, é evidente que nem todos possuem base social de sustentação e não terão uma vida longa. Até agora, com registro definitivo, apenas cinco estão devidamente legalizados, que são: PMDB, PDS, PT, PDT e PTB. As demais siglas, inclusive o PC do B, estão com registro provisório, válido apenas para as eleições municipais de 1985 e esperando a aprovação, pelo Congresso, da nova Lei Orgânica dos Partidos, para alcançar o registro definitivo.

Os comunistas e setores democráticos e progressistas da nação, consideram que essa nova lei não

deve impor qualquer restrição à criação, organização ou fundação de partidos, deixando para o processo eleitoral a função de manter ou não esse partido no panorama político nacional. Dos muitos partidos recém-registrados e até mesmo já legalizados, como é o caso dos cinco "grandes", alguns poderão não resistir ao embate eleitoral e se fundirem uns com outros ou simplesmente acabarem ou se diluírem.

Basta ver o que ocorre com o PDS atualmente, que, considerado o maior partido do "Ocidente", já é um dos menores dos cinco "grandes", tendo chegado ao cúmulo (impensável há uns anos atrás) de não lançar candidato a prefeito em São Paulo. O PTB, tem servido como albergue de políticos que não encontram espaço em outros partidos, ou que não acreditam mais no sucesso da sigla do PDS, mas continuam pensando como pedesistas.

Dos grandes partidos, tendem a permanecer, mesmo mudando sua composição social, estratégia ou tática política, o PT, PMDB e PTB. Mesmo o PFL, que é hoje um partido praticamente parlamentar, joga com sua sorte nas atuais eleições municipais (apoiando quase sempre candidaturas conservadoras e retrógradas, como é o caso de Jânio Quadros em São Paulo) e no futuro de seus líderes hoje fincados no Ministério de Sarney, como é o caso de Aureliano Chaves, Paulo Lustosa e Marco Maciel.

O PDT sobrevive em função da megalomania presidencial de seu caudilho-mór, Leonel Brizola, que trabalha pelo insucesso da Nova República como trampolim de seus planos golpistas. A cada dia perde sua verve e suas intenções "socialistas" e se desmascara diante da Nação. O PT que surgiu como grande moda no início dos anos 80, paga hoje o preço por seu sectarismo e seu infantilismo, seguindo ainda manter o seu discreto charme apenas em São Paulo, com a candidatura do "trabalhador" Eduardo Matarazzo Su-



ply. Nos demais Estados, mal aparece no embate eleitoral, apesar de ter lançado candidatos divisionistas em quase todas as capitais e cidades onde haverá eleições em novembro. Mesmo nessas eleições, desapareceu do discurso petista propostas "socialistas" e democráticas, assumindo de vez seu papel reformista.

Já o PMDB, apesar dos problemas que enfrenta nessas eleições por ser governo federal e estadual em vários Estados, continua sendo o desaguadouro natural das propostas liberais, democráticas e até progressistas da sociedade brasileira. Um partido que tende a permanecer com essa característica, se não for tomado de assalto pelas suas hostes conservadoras.

Os novos que se firmam

Dentre os muitos partidos que se formaram e se reorganizaram nos últimos meses, o PC do B, sem nenhuma dúvida é o que mais possui base social e até territorial. Está organizado em todos os Estados e Territórios, menos Fernando de Noronha, com a presença maciça de operários, camponeses, jovens, estudantes, mulheres e trabalhadores urbanos. Outros partidos ditos "comunistas" ou socialistas, tentam ocupar o espaço político e eleitoral, até mesmo dividindo a frente democrática que quer impulsionar as conquistas democráticas e progressistas da Nova República e abrem a brecha

que pode permitir o retrocesso. Pelo menos três correntes disputam essa área revisionista e reformista: PCB, PS e PSB.

Siglas como PNR — Partido da Nova República, PMN — Partido de Mobilização Nacional, PTN — Partido Tancredista Nacional, PRT — Partido Reformador Trabalhista, PTR — Partido Trabalhista Renovador, PND — Partido Nacionalista Democrático, PRP — Partido Renovador Progressista, PPB — Partido do Povo Brasileiro, PDI — Partido Democrático Independente, PMC — Partido Municipalista Comunitário, PN — Partido Nacionalista, PSC — Partido Social Cristão, PDC — Partido Democrático Cristão, PH — Partido Humanista, PJ — Partido da Juventude, Partido Verde e outros, são os partidos que surgem com a liberação legal. Mas poucos deles poderão se firmar como partidos nacionais ou regionais.

Parte deles foi formada para que seus fundadores pudessem ter legenda para se candidatar a prefeito ou disputar a Constituinte em 86, alguns para alugar suas siglas a políticos descontentes e uns poucos possuem alguma base social. Destes todos, talvez apenas o PH, Partido Humanista, que lançou candidatos a prefeito em São Paulo e outras capitais, parece ter alguma base social, no seio da juventude urbana de algumas grandes cidades.

Brasil tem que adotar nova postura com FMI

Silvio Queiroz

O Brasil retoma este mês as negociações da dívida externa com o Fundo Monetário Internacional. O ministro Dilson Funaro, em visita a Washington, em setembro, chegou a afirmar que "o crescimento econômico brasileiro é inegociável". E o presidente José Sarney, em discurso à Assembleia Geral da ONU, voltou a dizer que "o Brasil não pagará a dívida nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome". O que se espera do governo é que conduza o tratamento da dívida coerentemente com as declarações de seus representantes...

O Brasil tratará durante a reunião anual do FMI, em Seul, da "rolagem" de 45,3 bilhões de dólares, correspondentes a juros e parcelas atrasadas da dívida externa. Uma conta que pode aumentar conforme as variações nas taxas de juros aplicadas pelos banqueiros internacionais. Somente de juros, o país deverá pagar este ano de 11 a 12 bilhões de dólares, uma quantia que representa 5% do Produto Interno Bruto e 40% das exportações brasileiras.

Transfêrencia de riquezas

De acordo com técnicos do governo, o Brasil deverá obter este ano um saldo de 12 bilhões de dólares na balança comercial. O próprio Sarney, no discurso perante a Assembleia Geral da ONU, apontou qual o sentido desta transferência de riquezas operada através dos superávits comerciais: "Nossas empresas exportam com escassos lucros e nossa mão-de-obra recebe baixa remuneração". Com razão, o presidente apontou esta política como responsável pela recessão e o desemprego, pela queda continuada dos níveis de vida da população.

O Brasil conseguiu hoje uma posição diferente, para negociar a dívida, daquela que existia durante o regime militar. Em primeiro lugar, tem hoje um governo com respaldo popular, capaz, portanto, de angariar apoio para medidas mais energias em defesa da soberania e de resistência ao FMI. De outro lado, os resultados da balança comercial permitiram a acumulação de

reservas externas da ordem de 8 bilhões de dólares, que colocam o país em situação mais favorável no caso de uma moratória.

Governo dividido

Desde o início do governo, se debatem duas tendências opostas em relação ao tratamento da dívida. Uma, conservadora e continuista, coloca ênfase no "cumprimento pontual dos compromissos externos", na obediência às receitas do FMI, no corte das despesas públicas e no ataque às estatais. Em resumo, prega a continuidade da política recessiva exigida pelos banqueiros internacionais.

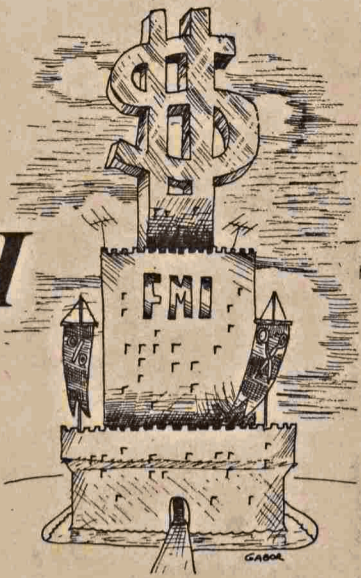
Com a queda de Francisco Dornelles, esta corrente sofreu um golpe. O discurso do novo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, realça a necessidade do crescimento econômico, do aumento da oferta de emprego e da recuperação das perdas salariais. Este tem sido também o rumo das manifestações do presidente Sarney, desde sua posse.

O tratamento dado ao problema, no campo das medidas concretas, tem ficado, porém, distante destes pronunciamentos. Até agora, o governo não chegou a tomar qualquer iniciativa no campo externo que assegurasse realmente a retomada do crescimento econômico. "O crescimento brasileiro é inegociável", afirmou o ministro Funaro ao diretor do FMI, Jacques de Larosière, em setembro. Na mesma ocasião, o ministro chegou a dizer que "a prioridade número um do governo é pensar no povo brasileiro".

O que se fez foi conseguir um adiamento até janeiro do pagamento de 16 bilhões de dólares de créditos a curto prazo. E enquanto o FMI insiste na adoção de uma política recessiva, o governo brasileiro, por seu lado, reafirma as intenções de buscar um novo rumo, de crescimento.

Povo espera atitudes

"Adotar esta postura só nos discursos não resolve" — pondera Cláudio Spicciatti, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — "se não se muda a política salarial, se se privatizam as esta-



tais". Para ele, "é preciso em primeiro lugar negociar em posição de força, o governo contaria para isto com o apoio da classe operária".

Neste mesmo rumo, João Amorim, presidente recém-eleito do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo, diz que "é hora de se mostrar coerência na prática com este discurso. Os trabalhadores estão dispostos não a fazer mais sacrifícios, mas a dar o respaldo necessário para que o governo fale grosso com os credores".

A mesma expectativa tem o secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Eustáquio Vital. Ele ressalta que não basta que as reiteradas promessas de "não pagar a dívida com a fome do povo" fiquem "só no papo, já que de boa intenção o inferno está cheio".

Os três sindicalistas mostram consenso quanto ao rumo que o governo deve dar, a partir de agora, às negociações da dívida externa. Cláudio, dos metalúrgicos, entende que "se não renegociarmos as taxas de juros, não basta rolar a dívida. É preciso rediscutir as condições em que os empréstimos foram feitos, o Brasil paga serviços pesados pela dívida. E preciso negociar justamente isto que está matando a gente".

Vital, dos metalúrgicos, vai um pouco mais longe. "Devemos suspender o pagamento da dívida, pelo menos suspender por certo tempo o pagamento dos juros". Vital acha que assim seria possível "canalizar recursos para resolver certos problemas, como saúde e alimentação".

Dar novo rumo

Há, portanto, muitas questões em jogo nestas negociações que se desenvolvem na Coreia do Sul. Além do crescimento econômico, da retomada do nível de emprego, da aplicação de planos de emergência para os problemas sociais, há uma disputa política que se trava entre as forças que compõem o governo Sarney. Trata-se de saber se prevalecerão os setores identificados com o capital estrangeiro e os monopólios nacionais — em especial os bancos —, que até agora deram o tom da política econômica da Nova República; ou se serão mais fortes os sentimentos de mudança do povo brasileiro, que levaram até o Planalto a Aliança Democrática, e que reclamam uma postura firme diante dos agiotas internacionais.



Eustáquio Vital, do Sindicato dos Metalúrgicos de SP

Mulheres lutam e conquistam mais espaço político

Ao ingressarem de forma organizada na luta do povo, as mulheres demonstraram que sua força abriu novos horizontes a todos os trabalhadores, ampliou o espaço político e cultural, além de trazer novo impulso ao movimento que se expandiu pela democratização da sociedade brasileira. No dia 17 de setembro, em Brasília elas conseguiram ver atendida uma importante reivindicação, a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

O próprio presidente José Sarney empossou a diretoria do Conselho, presidido pela deputada estadual paulista Ruth Escobar, e na ocasião não deixou de ressaltar a importância da participação fe-

minina na transformação social. Ele ainda reconheceu que é preciso superar a discriminação que pesa sobre a mulher. Desde já está definida a participação ativa na discussão das teses para a Constituinte. Será a primeira vez na história do Brasil que as mulheres poderão contribuir de maneira organizada e efetiva na elaboração de uma nova Constituição.

O avanço do processo político exigiu do movimento de mulheres uma nova postura. Aquelas correntes sexistas, restritas apenas à contradição homem x mulher se enfraqueceram, voltando-se mais para o estúdio, diminuindo a sua participação e influência no

conjunto do movimento de mulheres. Fortaleceram-se em alguns estados os Movimentos Femininos de Partidos Políticos, surgiram em São Paulo e Minas Gerais os Conselhos Estaduais da Mulher. Aparecem também as Uniões de Mulheres, com uma justa visão emancipacionista. A União de Mulheres de São Paulo, que existe desde 1981, atua no sentido de organizar ampla e democraticamente as mulheres na luta por seus direitos e pela liberdade. Possui atualmente 28 núcleos espalhados em bairros, escolas e fábricas. A todo instante, as mulheres estão presentes nos movimentos populares, sindicais e estudantis.

Há um longo caminho a percorrer rumo à total emancipação da mulher. O crescimento da participação da mulher está intimamente ligado ao avanço democrático da sociedade.

Direita articula campanha contra a Constituinte

Mal começou o debate sobre a Constituinte e as vozes agourentas das viúvas da velha república, dos lacaios do imperialismo e representantes da reação interna se fazem ouvir bradando: "A Constituinte é desnecessária e até perigosa. Desnecessária porque não houve ruptura nas instituições. Perigosa, porque o momento Constituinte é sempre de exacerbação". Esta catilinária anti-constituinte veio nada mais nada menos do que o inefável Roberto Campos, vulgo Bob Fields, pau-mandado dos trustes estrangeiros e pregoeiro da orientação econômico-financeira do FMI no Brasil.

Ao tempo em que as forças da direita alertam para o "perigo" que a Constituinte acarretaria, tramita no Congresso a mensagem do presidente da República convocando a Assembleia que elaborará uma nova Carta para o país. O comportamento de diversas forças pretensamente radicais no que tange à aprovação da referida matéria, tem levado água ao moinho da reação que ainda aposta em atropelar o processo de eleição e reunião dos constituintes.

Querem confundir

Muitas propostas de emenda à mensagem presidencial constituem verdadeiras arapucas com o objetivo de evitar ou dificultar sua aprovação. A pretensão de ortodoxia jurídica, certos setores apregoam a eleição em separado para a Constituinte e para o Congresso; outros, à guisa de ampliar a representatividade da Assembleia, propõem as chamadas candidaturas avulsas.

Enquanto o debate se arrasta, reúnem-se diversas comissões, sob variados patrocínios, supostamente para subsidiar os constituintes e auscultar a opinião pública.

O que se vê por trás das raivosas declarações "anti-constituinte" de Roberto Campos, como também das delongas, reticências e resistências em aprovar a mensagem que convoca a Constituinte, é o vezo antidemocrático de fechar a discussão política, o medo das ideias democráticas e progressistas, do aumento de sua influência no processo de eleição dos deputados constituintes, pois tudo se soma no sentido de uma mesma resultante: a não realização da eleição para a Constituinte.

Melhor seria que ao invés de armar arapucas que podem dificultar a eleição e a reunião dos constituintes, as forças democráticas representadas no Congresso, se unissem em torno da remoção do entulho autoritário e das peias que entravam o processo democrático em nosso país.

Avança a consciência popular nos bairros

Foi positivo o saldo do Encontro Nacional das Associações de Bairros Constituinte Livre e Soberana, provando que o movimento popular ampliou seu espaço, preparando-se para participar efetivamente da política, ao mesmo tempo em que fortaleceu a tendência de unificação das lutas em torno de uma entidade nacional.

Realizado em Brasília, nos dias 19 e 20 de setembro, o Encontro convocado pela Confederação Nacional das Associações de Moradores — Conam reuniu 2.200 delegados representando mais de 700 entidades de 18 Estados. Na opinião dos delegados, o destaque foi a elevação do nível de conscientização dos participantes.

PREOCUPAÇÕES

O Encontro foi preparativo para o Congresso que se realizará nos dias 25 e 26 de janeiro do próximo ano. Constatou-se vários painéis com ativa participação dos delegados e, ao final, foi tirado um manifesto enfocando a nova realidade política do país e as perspectivas de melhor organização das lutas pelos direitos do povo.

No que diz respeito às propostas, as preocupações levantadas com frequência abordaram o problema da alimentação, transporte e moradia. O secretário especial da Presidência da República para Assuntos Comunitários, Anísio Teixeira, esteve presente no painel sobre reforma urbana e moradia. Houve a distribuição de um questionário com 15 perguntas formulado pela própria Secretaria Especial de Assuntos Comunitários onde se tenta recolher dados sobre a situação das associações de moradores do Brasil. Uma Comissão de representantes esteve com o presidente José Sarney para expor o ponto de vista da CONAM.

ENTUSIASMO

Ficou evidente o entusiasmo dos delegados que voltaram para suas entidades com a determinação de organizar melhor suas lutas. Essa possibilidade aberta com o Encontro e a oportunidade de propiciar uma discussão maior sobre a Constituinte fez despertar um debate maior em torno das reivindicações mais gerais do movimento como um todo.

Por outro lado, prevaleceu a meta da unidade, com propostas que visavam à unificação e puxavam o movimento para a frente.

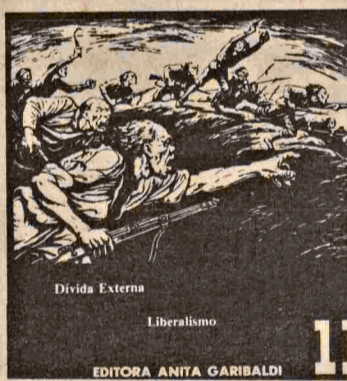
O importante também é que com a discussão sobre a Constituinte, os Estados passaram a solicitar a presença da CONAM para contribuir nos debates, exigindo da entidade uma nova dinâmica.

Acompanhando esse impulso, no tocante à organização, as reivindicações específicas das entidades de bairros deverão unir-se às questões políticas para que haja participação na construção democrática do País. Nesse sentido, também se enquadra a necessidade de estruturação das entidades com o aumento do número de pessoas, fazendo crescer seus associados, promovendo eleições conforme o Estatuto, de forma democrática, e procurando criar uma infra-estrutura própria, organizando as finanças. Além de tudo, viu-se a necessidade de preocupar-se com a união do povo, promovendo festas e encontros, criando um clima fraterno e amistoso nos bairros.

Os comunistas que militam nas fileiras do PCdoB tudo devem fazer para desenvolver uma atividade ampla e unitária com as uniões de moradores e associações de bairros tendo em vista apoiar efetivamente as reivindicações populares e contribuir para a elevação do nível político do povo. Mais do que nunca, o momento que estamos vivendo no país é propício para um aprofundamento dos laços do Partido com amplas massas populares através de suas organizações mais próximas.

Princípios

Revista teórica, política e de informação Agosto 85 Cr\$ 0,00



Leia e Assine Princípios Apenas Cr\$ 35.000

Recorte e envie este cupom para o endereço abaixo

Nome _____
 Profissão _____
 Endereço _____
 Cidade _____ Estado _____ CEP _____ FONE: _____
 Data _____ / _____ / _____

Quero receber uma assinatura da PRINCÍPIOS, com direito a 4 números. Para isso envio cheque nominal / vale postal em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511, CEP 01317

São Paulo - SP.

Internacional

Comunistas alemães perdem um dirigente: Ernst Aust

Vitimado por graves problemas cardíacos, morreu no último dia 25 de agosto, na Alemanha, o ex-presidente do Partido Comunista da Alemanha, marxista-leninista-KPD, o camarada Ernst Aust. A Classe Operária, reproduz aqui, trechos da nota divulgada pelo Comitê Central do KPD.

Nota do KPD

Morreu o camarada Ernst Aust, de modo totalmente inesperado para nós, no último dia 25 de agosto. Com ele, o Partido perde o camarada que marcou, como nenhum outro, seu desenvolvimento.

O camarada Ernst Aust encabeçou a luta pela reunião

dos marxistas-leninistas no seio do antigo KPD, revisionista. Neste processo, fez do Roter Morgen o primeiro jornal, desde a proibição do KPD, a colocar-se abertamente a favor da revolução proletária e da ditadura do proletariado na Alemanha Federal.

O camarada Ernst dirigiu a fundação do nosso Partido. Sem sua decidida participação não teria havido, na passagem de 1968 para 1969, a fundação do KPD (ML).

No final de 1971, o camarada Ernst foi eleito presidente do Partido. Até o último Congresso, em 1983, quando não mais se candidatou a este posto, ele esteve à frente do Partido. Em todos estes anos, o nome de Ernst Aust está intimamente ligado à luta do Partido, a seus esforços para desenvolver uma atividade revolucionária adequada às condições do país. Uma luta de que é parte inseparável a superação das debilidades políticas e ideológicas do Partido.

Desde que deixou a prisão, no imediato pós-guerra, o camarada Ernst Aust lutou ininterruptamente pelo comunismo. Tudo o que fez partiu do convencimento de que é necessário auxiliar a classe operária a vencer a exploração e a opressão capitalistas. Hostilidades de toda parte, derrotas e vicissitudes, nem mesmo perseguições da parte das classes dominantes, nada abalou a conduta revolucionária de Ernst Aust. Há poucos de quem se pode dizer o mesmo. A esse grandioso exemplo de vida revolucionária deixado pelo camarada Ernst Aust nosso partido reservará sempre uma honrosa lembrança.



Algozes de Khomeini matam outro comunista

Os beagins de Khomeini cometeram mais um hediondo crime, vitimando outro dirigente do Partido do Trabalho do Irã, o camarada Mansoor Mokhtari, membro do Comitê Central. O camarada Mansoor Mokhtari tombou, heroicamente, assassinado após dois anos de prisão e tortura sistemática, método que se tornou comum no Irã para a eliminação dos revolucionários e comunistas.

A morte do camarada Mansoor Mokhtari representa uma grande

perda para os comunistas e o povo iranianos e ao mesmo tempo um duro golpe na luta democrática e antiimperialista.

Os comunistas brasileiros, irmãos de combates e de ideais dos camaradas do Partido do Trabalho do Irã, estão certos de que o povo e os comunistas iranianos saberão transformar a dor pela morte do camarada Mansoor Mokhtari em força redobrada na luta por um Irã democrático, independente e progressista.

"Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário" V.I. Lênin



Leia, estude e divulgue as publicações da Editora Anita Garibaldi

Agora com seu Espaço Cultural Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 Bela Vista — SP
Livraria, exposição de livros, discos e artesanato Tel: 251.2729

Venha expor sua produção cultural e artística

- Problemas Econômicos do Socialismo na URSS — J. Stálin Cr\$ 20.000
- O revisionismo Chinês de Mão Tsetung — João Amazonas Cr\$ 10.000
- O Trotskismo, corrente política contra-revolucionária João Amazonas — Cr\$ 2.000
- Em Defesa dos Direitos da Mulher — Luiza Moraes — Cr\$ 8.000
- Itinerário de Lutas do PCdoB — Haroldo Lima — Cr\$ 5.000
- Discurso aos eleitores — Enver Hoxha — Cr\$ 3.000
- Albânia — 40 anos desbravando a história — Ramiz Alia e Enver Hoxha Cr\$ 12.000
- Albânia — Aspectos Generales — em espanhol — Cr\$ 15.000
- A História do Partido Bolchevique na URSS — Cr\$ 6.000
- O Brasil de Hoje do Ponto de Vista Popular — Cr\$ 5.000
- Reflexões sobre China — em espanhol — Enver Hoxha — Cr\$ 20.000 cada volume
- Pela Poesia do Povo — José Cassimiro da Silva — Cr\$ 10.000
- Relatório ao 8º Congresso do PTA — Enver Hoxha — Cr\$ 10.000

Na sua compra acima de Cr\$ 50.000 ganhe um livro grátis

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 Telefone: 251.2729 — CEP 01317 São Paulo — Capital Cheque Nominal, vale postal ou Reembolso Postal para pedidos acima de Cr\$ 50.000

Povo sul africano em luta contra o racismo

Crescem os protestos do povo sul-africano contra o regime racista e pró-imperialista do governo de minoria branca. Nos últimos 20 meses e principalmente nos dois últimos, mais de 700 pessoas foram assassinadas pelas forças de repressão do presidente Pieter Botha. O verdadeiro genocídio desencadeado pelos racistas contra a maioria da população do país, no entanto, não arrefeceu o espírito de luta do povo, que agora atinge novo patamar, com verdadeiras sublevações e rebeliões massivas não só nos guetos de Johannesburgo ou Cidade do Cabo, mas em todo o país.



Apesar da ferocidade da repressão, os patriotas negros da África do Sul buscam a unidade na luta pelo fim do regime de apartheid e nos protestos diários que se verificam em todo o país, nota-se o espírito de luta do povo. Para tentar abafar a rebelião popular, os racistas decretaram estado de emergência no país e com isso intensificaram a repressão, prendendo milhares de líderes negros, assassinando manifestantes e crianças e instaurando o terror nos bairros pobres da periferia das grandes cidades, onde moram os negros e mestiços, maioria nacional, mas impedidos pela burguesia branca de ter qualquer direito à vida e à cidadania.

À violência dos racistas, o povo respondeu com maiores e mais avançadas manifestações, exigindo armas para lutar contra o regime e sedimentando na prática a unidade de todas as forças que combatem o apartheid.

Em todo o mundo ergue-se uma onda de manifestações de patriotas e democratas contra o governo de Pieter Botha e sua gang assassina. Até mesmo governos e líderes que faziam ouvidos moucos à situação sul-africana, agora, para não ficar contra a onda popular de repúdio ao apartheid, têm condenado o governo racista.

Imperialismo racista

Ao mesmo tempo que nega os mais elementares direitos aos negros e mestiços, que formam a absoluta maioria da população, os racistas também

atacam países vizinhos e independentes, como Moçambique e Angola, não só para ajudar forças reacionárias daqueles países, como para perseguir sul-africanos que ali se refugiaram.

Há poucos dias, o exército sul-africano invadiu Angola para perseguir nacionalistas namibios que lutam contra a dominação de seu país pelos racistas (a Namíbia é considerada uma Nação livre pela ONU, mas está desde o final da Segunda Guerra ocupada pela África do Sul), e para ajudar grupos de terroristas que

lutam contra o governo de Angola.

Os comunistas brasileiros estão solidários não só com o povo sul-africano em sua luta contra o apartheid e o governo racista de Pieter Botha, como também com o povo namíbio em sua luta pela independência. Os comunistas lutam em nosso país para que o governo brasileiro transforme em atos as promessas de boicote ao regime sul-africano e considerem fundamental a realização de grandes ações de massa em apoio ao povo sul-africano em sua luta contra o apartheid.

Comunistas participam na eleição portuguesa

Dia 6 de outubro Portugal irá às urnas eleger a nova Assembléa Nacional, o parlamento do país. O proletariado participa intensamente desta batalha política, defendendo posições unitárias ao mesmo tempo que preserva sua independência.

Derrotar a direita, colocá-la em minoria no parlamento, este o grande objetivo das forças democráticas, populares e revolucionárias para as próximas eleições em Portugal.

O confronto se dá em torno de questões candentes da sociedade portuguesa: os salários em atraso, o desemprego, o aumento do custo de vida, a lei dos aluguéis as ameaças às liberdades democráticas, opondo, de um lado, a grande maioria dos trabalhadores portugueses e de outro, as classes dominantes, com suas diversas alas a serviço deste ou daquele imperialismo

O Partido Comunista (Reconstruído), organização de vanguarda da classe operária portuguesa, está participando ativamente da campanha eleitoral através da organização frentista União Democrática e Popular (UDP).

O jornal **Bandeira Vermelha**, órgão central do PC (R) publicou na sua edição de 19 de setembro o **Manifesto Eleitoral** do Partido, que assinala entre outras coisas: "Enquanto crescem os privilégios dos ricos, degradam-se assustadoramente as condições de vida do povo. Enquanto saem centenas de milhões de contos para o estrangeiro para pagar encargos com a dívida externa, cortam-se até ao mínimo as verbas para a saúde, para a assistência, para os transportes, para a segurança e eliminação da poluição nas fábricas etc."

"Se a isto juntarmos a fome que invade já milhares de lares, uma agricultura arruinada, centenas de milhares de desempregados, de contratados a prazo, de trabalhadores com salários em atraso, de jovens com futuro incerto, com que país ficamos?"

"No próximo dia 6, votar nos partidos da direita ou no PS, contribuirá para mudar alguma coisa? E no PRD? E na APU? "Votar no PS é um voto estragado porque é votar numa política que já mostrou em todas as vezes estar contra o povo. Votar no PSD ou no CDS é votar no patrão, no general reacionário, no senhorio, no especulador."

"O PRD e a APU não são igualmente solução. O PRD que pretende aparecer



como a esperança de muitos portugueses, tornou-se a grande desilusão. Quanto à APU, não tem soluções e tem-se mostrado ineficaz contra a ofensiva do capital e do governo. Votar na APU é um voto desperdiçado. Muitas denúncias, mas uma prática ineficaz contra o avanço da direita. "O Partido Comunista (Reconstruído), Partido que não aparece só nas eleições, mas está presente há 10 anos nas empresas, campos e bairros defende que só uma verdadeira revolução social, em que o poder político e econômico seja retirado aos ricos, poderá abrir um futuro mais próspero. No entanto, no imediato dizemos: — É preciso pôr a direita em minoria no Parlamento.

— É preciso unidade popular em torno de um candidato único das oposições, contra os candidatos da reação.

— É preciso reforçar a oposição operária e popular legendo deputados revolucionários.

— É preciso uma política que diminua os privilégios e riquezas dos ricos.

— É preciso suspender o pagamento dos encargos com a dívida externa."

Finalizando, o jornal dos comunistas portugueses enfatiza:

"A eleição de deputados revolucionários seria a garantia da denúncia implacável no Parlamento de todas as misérias e chagas desta sociedade, de apresentação das soluções mais válidas e do apoio total a todas as lutas que os trabalhadores travam.

(Nota da redação: a APU é a coligação eleitoral do partido revisionista PCP).

Solidariedade

A CLASSE OPERÁRIA continua recebendo cartas dos partidos irmãos de outros países, com saudações pela legalização do Partido Comunista do Brasil e seu órgão central. Abaixo, publicamos três delas.

República Dominicana

Queridos camaradas: Recebemos a mensagem de saudação enviada por vosso Partido ao Primeiro Congresso de nossa organização. Também recebemos os quatro exemplares de "A Classe Operária". Muito nos alegra a notícia de que o jornal reaparece para ter publicação regular; pedimos que continuem com a remessa e obrigado por tudo. Felicidades e êxitos constantes.

Partido Comunista do Trabalho Santo Domingo — República Dominicana

Dinamarca

Congratulamo-nos com o Partido pela legalização de "A Classe Operária". Este importante acontecimento é uma vitória, não apenas para vosso partido, mas também para todos os revolucionários e democratas do Brasil.

Será uma grande colaboração se pudermos receber regularmente seu jornal. Isso nos permitirá acompanhar mais de perto a luta e as vitórias de vosso partido e disso retirar experiência.

Finalmente, aproveitamos a ocasião para enviar-lhes nossas mais calorosas saudações revolucionárias.

Partido Comunista da Dinamarca (Marxista-Leninista)

Suriname

Da parte dos comunistas do Suriname, congratulamo-nos com vocês e com o proletariado brasileiro pela vitória obtida com a legalidade do jornal e do Partido.

Nossos jornais são proibidos pelo regime militar de Lt. Kol. Bouterse, os assassinos de nosso camarada Bram Behr. Por isso, nas circunstâncias atuais, nossos jornais são publicados no exterior, na Holanda.

Esperamos que possamos trocar publicações regularmente. Nós já enviamos a vocês o "Mokro Dekati" e nosso boletim internacional "Red i Siri".

Desejamos todo sucesso na sua luta por um Brasil democrático e socialista.

Saudações Comunistas Partido Comunista do Suriname.

Educação socialista

O socialismo é o ideal da Classe Operária

O Partido Comunista do Brasil, ao mesmo tempo que desenvolve a ação política de massas pela ampliação e consolidação da democracia, propaga as idéias emancipadoras do socialismo científico e aponta à classe operária e aos demais trabalhadores a perspectiva de acabar com o sistema capitalista e construir uma nova ordem política, econômica e social. Na mensagem do Congresso do Partido (janeiro/fevereiro de 1983) à classe operária a idéia da luta pelo socialismo é exposta com toda a clareza e vigor. Por sua atualidade e valor educativo republicamos em resumo a Mensagem do Congresso.

Nunca ficou tão nítido, como hoje, o contraste chocante entre a burguesia e o proletariado. O capitalismo que se desenvolveu nestes últimos anos veio demonstrar que não é nem pode ser fator de progresso social.

O Brasil já possui grandes indústrias, incluindo modernos parques industriais; fabrica máquinas complexas, produz aviões, navios, vagões de estrada de ferro; multiplicou a produção de aço e de cimento; montou arsenais de guerra; estabeleceu a produção em série de automóveis e também de tratores. No campo, o capitalismo penetrou fundo, poderosos grupos econômico-financeiros ocuparam largas áreas do território nacional.

E que benefício trouxe para a classe operária esse avanço do capitalismo no Brasil? Será que o simples desenvolvimento capitalista pode abrir uma no-

va perspectiva de vida para aqueles que, com o suor, criam as riquezas? Não.

O CAPITALISMO É UM REGIME DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO

A prática comprovou que o crescimento do capitalismo enriquece rapidamente os donos do dinheiro, das fábricas, das usinas, das terras, dos bancos etc. Quanto aos operários, estes continuam levando uma existência de párias da sociedade. São atrozmente explorados, vivem na periferia das cidades onde falta o mínimo indispensável a uma vida digna. Pagam contribuições exorbitantes visando usufruir assistência e previdência social, mas os benefícios diminuem e crescem as dificuldades para obtê-los. Nas fábricas são vigiados como se fossem delinquentes, as mulheres operárias

passam por incriveis vexames. Os salários não atendem às necessidades mais imediatas dos trabalhadores. E pior que tudo: o capitalismo gera crises e, com estas, surge o desemprego em massa. Milhões de operários em vão procuram serviço, não têm a quem vender a sua força de trabalho — único bem que possuem. A fome e o desespero batem às portas dos escravos do capital que nem sequer contam com o seguro-desemprego.

O capitalismo cresceu, é verdade. Mas os direitos dos trabalhadores reduziram-se. Eles carecem de verdadeira liberdade política. A estabilidade do emprego, importante conquista da classe operária, desapareceu.

O capitalismo é um regime de violência contra os proletários. A máquina estatal nas mãos da burguesia ou de seus representantes funciona como instrumento permanente de repressão aos que não se conformam com a exploração e a miséria. O capitalismo prepara e desencadeia a guerra onde milhões de trabalhadores são sacrificados no interesse dos monopólios imperialistas.

O progresso industrial é necessário e indispensável. Desprovido de grandes e modernas indústrias o país não avança. Mas sob o capitalismo esse progresso serve antes de mais nada à grande burguesia, às

multinacionais principalmente. O crescimento do capitalismo não é sinônimo de bem-estar geral. Ele cria a riqueza num pólo — os ricos ficam mais ricos — e no outro pólo gera a pobreza sempre maior, sobretudo entre os trabalhadores urbanos e rurais.

Não nascemos para viver eternamente explorados e oprimidos. É perfeitamente possível acabar com as injustiças sociais e edificar uma vida feliz. Unidos, sob a direção de um autêntico partido proletário, seremos capazes de fazer valer os nossos direitos e alcançar a emancipação.

O SOCIALISMO É O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

A questão essencial que se coloca diante da classe operária é a derrocada do capitalismo e a conquista do socialismo proletário. Socialismo que estabeleça o governo dos operários, aliados aos camponeses pobres, e que institua um sistema novo de relações sociais de modo que o resultado do esforço comum proporcione melhores condições de existência aos que trabalham. Socialismo que promova rápido e amplo desenvolvimento econômico, harmônico e planejado, utilizando em larga escala os enormes recursos materiais e humanos disponíveis no país.

O Brasil tem numerosa clas-



se operária que desperta e luta e, passo a passo, vai adquirindo clara compreensão dos seus direitos e da sua condição social. Potencialmente, conta com aliados poderosos no campo e na cidade. É uma força imensa que, conscientizada e posta em movimento, levará de vencidos os seus inimigos e lhe garantirá o triunfo definitivo. A vitória do socialismo não é um problema a longo prazo. A sua implantação depende em grande parte de nós mesmos, proletários consequentes.

Contudo, o socialismo não surge espontaneamente. Advém da luta de classes que se desenvolve e aprofunda cada dia mais. É fruto de inúmeras batalhas contra os explorado-

res e opressores. Nessas batalhas tem importância a luta econômica e social. Mas a importância maior está na ação política, porque é através dessa ação que se isola o governo reacionário e se conquista o poder proletário, poder que não se obtém gradualmente nem por processos eleitorais mas, lutando de maneira decidida, enérgica e consequente.

O REFORMISMO É O FALSO SOCIALISMO AJUDAM A BURGUESIA

O combate, porém, não é apenas aos exploradores e ao governo burguês. É também contra os que procuram enganar e desorientar os operários, desviá-los da verdadeira luta de classes, orientá-los para o reformismo e a colaboração com a burguesia. Tais correntes de opinião (como o PDT, o PT, o PC Brasileiro revisionista e outros semelhantes) dizem-se socialistas, falam em extinguir a exploração do homem pelo homem. Entretanto, as soluções que apresentam e sua conduta política dividem a classe operária e não levam ao socialismo. O poder operário que apreçoam é um falso poder proletário que se realiza no quadro da dominação capitalista.

Esses pseudo-socialistas não acabam com o capitalismo, ao contrário, ajudam a sua sobrevivência e prosperidade, auxiliam-no a superar os apuros das crises à custa dos operários. O verdadeiro socialismo subentende a derrocada do poder capitalista, a confiscação das empresas, dos bancos, dos meios de transportes, a nacionalização do solo e do subsolo, a criação da propriedade socialista, enfim, a revolução proletária.

UNIÃO CONTRA O CAPITAL E SEUS AGENTES

A classe operária deve unir as suas forças de maneira independente, lutar para libertar os sindicatos da tutela do governo e dos pelegos, criar organizações nos locais de trabalho, estruturar organismos de unidade popular, contribuir decisivamente no sentido de fortalecer o autêntico partido de vanguarda, o PC do Brasil, orientado pela doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, pois a direção desse partido é fundamental para assegurar a vitória.

É preciso opor-se com firmeza à ofensiva do capital contra a classe operária. Exigir seus direitos, entre os quais a jornada de 40 horas semanais, sem diminuir a remuneração. Obrigar, pela ação de massas, a instituição imediata do salário-desemprego, de forma a aliviar a dura situação dos que foram dispensados. Impedir a rotatividade da mão-de-obra, que é um meio de perseguir operários e reduzir salários.

CHEGOU A ÉPOCA DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

O Partido Comunista do Brasil está convencido de que chegou a época da revolução proletária no Brasil e em todo o mundo. A burguesia e o sistema capitalista já deram o que tinham que dar, são hoje estorvos reacionários ao progresso da Humanidade. O presente e o futuro pertencem à classe operária, única força efetivamente revolucionária. Sob uma direção correta, apoiada na teoria científica, conduzirá os trabalhadores e o povo a um porvir luminoso, livres para sempre da exploração do homem pelo homem.

Sem o partido é impossível o socialismo

O camarada Ramiz Alia, primeiro-secretário do CC do Partido do Trabalho da Albânia, tem realizado diversas visitas às regiões do país, durante as quais entra em contato com os quadros do Partido e do Poder Popular e com as massas trabalhadoras. Recentemente, Ramiz Alia foi à região de Colonia, no sudeste do país, onde pronunciou importante discurso, que reproduzimos em resumo.

O poder político dos operários e dos camponeses instaurado na Albânia abriu caminho às transformações de caráter profundamente revolucionário em todos os campos e setores da vida social. O regime socialista criou amplas possibilidades para progredir frontalmente e com o máximo de forças energias.

O desenvolvimento econômico e social da Albânia socialista faz-se a rápidos ritmos, é incomparável do ponto de vista quantitativo e tem um conteúdo qualitativo inteiramente novo. O bem estar geral da sociedade e de cada indivíduo depende e é determinado pelos ritmos de progresso da sociedade no caminho socialista.

NA ALBÂNIA O SOCIALISMO PARTIU DO ZERO

Quando lembramos que nosso povo ingressou nesse caminho de desenvolvimento com uma indústria que não podia nem ser levada em conta, com uma agricultura onde predominava a extensividade e o primitivismo, com os cofres vazios, este desenvolvimento parece inacreditável. Não apenas na acepção figurativa da palavra, mas na prática, nosso desenvolvimento socialista partiu do zero. As únicas riquezas que o Partido e o povo possuíam eram o elevado patriotismo e o espírito revolucionário, a confiança no futuro e o otimismo, a prontidão e o desejo de progresso.

As transformações da época do Partido são multilaterais. Elas englobam a política e a ideologia, a economia e a cultura, a vida material e espiritual da sociedade.

FLAGRANTE CONTRASTE COM O CAPITALISMO

Nossa pátria, nossa querida Albânia socialista, é um país com o presente e o futuro garantidos. Todo o mundo capitalista-revisionista que nos cerca, ao longo dessas décadas, viveu na ansiedade das crises, da estagnação e da queda dos ritmos de produção, da inflação e da falência econômica, enquanto que nossa economia resistiu e resistiu às influências dessas chagas incuráveis do sistema social que se engendra. As massas trabalhadoras, os produtores dos bens materiais, em todas as partes do mundo, vivem com medo do que trará o amanhã, medo do de-

semprego, da elevação dos preços, dos aumentos dos impostos, aluguéis etc., ao passo que para o operário, o camponês cooperativista ou o intelectual albanês estes fenômenos são estranhos.

UMA SÓLIDA ECONOMIA

O principal e o importante é que as radicais transformações políticas em nosso país corresponde atualmente uma economia totalmente modificada. A estabilidade, a ampliação das capacidades produtivas, a criação de novas fontes para o desenvolvimento, o enfrentamento das necessidades da produção socialista ampliada com ritmos e proporções cada vez maiores, se tornaram sua característica distintiva. Nossa economia produz para o hoje e para o amanhã, garante o nível de bem estar das massas e acumula para o futuro.

A política do Partido para o desenvolvimento econômico está materializada no desenvolvimento harmônico e proporcional entre os ramos da economia, dentro de cada ramo e entre as diversas regiões.

O PARTIDO — O ARTÍFICE DE TODAS AS VITÓRIAS

Todas as transformações, a vida feliz que contruímos e gozamos são creditadas ao nosso heróico Partido. Elas comprovam a justiça e a perspicácia de sua linha marxista-leninista. Sem o Partido não poderíamos ter essa vida próspera, esta Albânia livre e honrada que temos hoje; sem o Partido seria impossível construir e desenvolver o socialismo, assegurar a liberdade e a independência do país e melhorar a vida do povo.

Por isso é nossa tarefa defendermos o Partido como a menina dos olhos, defender sua linha marxista-leninista, fortalecermos a unidade de ação em torno dele. A experiência destas quatro décadas mostra que só se alcançam e se consolidam vitórias quando temos o Partido forte e temperado, pois ele é o dirigente de todas as nossas vitórias. Tendo um Partido combativo e revolucionário, fiel ao marxismo-leninismo, tal como o camarada Enver Hoxha o criou, dirigiu e educou, nós asseguramos a construção do socialismo, a liberdade e a independência da pátria, a vida feliz e alegre do povo.

FÉRREA UNIDADE PARTIDO-POVO

Uma das maiores vitórias na história do povo e da Albânia é a unidade combativa de nosso povo em torno do Partido. Unidos na Frente Democrática, os operários e os camponeses, os jovens e os intelectuais, os homens e as mulheres da Albânia lutam pelo mesmo objetivo, pela construção do socialismo, pelo fortalecimento da liberdade e da independência da Pátria, pela defesa das vitórias da revolução.

A tarefa de cada patriota, de cada combatente da construção do



socialismo é trabalhar incansavelmente para temperar a unidade de nosso povo, pois ela é a garantia de que a Pátria florescerá e progredirá, a garantia de que permaneceremos fortes e enfrentaremos os inimigos, desde os inimigos de classe dentro do país, aos inimigos externos, imperialistas, socialimperialistas, revisionistas de todas as marcas. Em unidade de ação em torno do Partido, a Albânia socialista viverá por séculos. Não há força do mundo que possa abatê-la.

GRAVE A SITUAÇÃO MUNDIAL

Vivemos e trabalhamos tranquilos e seguros em nossa Pátria, numa brilhante situação interna, lutamos para elevar cada vez mais a economia socialista, para tornar a vida de nossa gente mais rica material e espiritualmente.

Mas vivemos também uma situação internacional bastante turbulenta, em que se intensificou muito a atividade agressiva das potências imperialistas e revisionistas, dos EUA e da URSS, em que eclodiram novos conflitos ar-

mados em diversas regiões do mundo.

Esta situação torna-se ainda mais grave porque se desenvolve nas condições de uma profunda e multilateral crise mundial, que engolfou todo o mundo capitalista e revisionista.

A propaganda imperialista e a revisionista alardeiam que o mundo não pode enfrentar nenhum problema, caso na sua solução não se envolvam as duas superpotências. Segundo essa propaganda os povos devem aceitar como fatalidade que o futuro da humanidade seja definido pelo papel que desempenham os Estados Unidos e a União Soviética e as relações entre ambos. E mais, tal propaganda procura criar uma psicologia capitulacionista, segundo a qual nenhum país, nenhum Estado, nenhum povo, poderá viver fora dos guarda-chuvas, das ajudas e dos créditos escravizantes das duas superpotências.

É grave a situação na Europa. A política das superpotências, as suas especulações através da chamada segurança europeia colocaram os governos e os países deste continente em posições cada vez

mais difíceis. O tempo confirmou a justeza de nosso ponto de vista de que a paz e a segurança na Europa não podem ser alcançados através das negociações das duas superpotências e dos blocos agressivos que elas sustentam, a OTAN e o Pacto de Varsóvia.

ALBÂNIA — FORTALEZA INEXPUGNÁVEL DO SOCIALISMO

Nosso Partido e nosso povo acompanham atentamente a situação, não apenas porque ela se desenvolve próxima de nós, mas em primeiro lugar para nos colocarmos tarefas, para estarmos em todo momento prontos para a defesa da pátria. Não devemos esquecer em nenhum momento que os nossos inimigos, os imperialistas e os revisionistas, cobizam e ameaçam nosso país, não apenas em função da posição estratégica que ele ocupa nas costas do Mediterrâneo, mas também porque é o único país socialista do mundo, que, com seu exemplo, sua resistência e sua luta, conquistou o respeito e a admiração de todas as forças progressistas e revolucionárias, de todos os povos amantes da liberdade.

Nessas condições nossa tarefa é fortalecer ainda mais a vigilância revolucionária, sermos rigorosos e impiedosos contra qualquer inimigo que tente lesar as vitórias de nossa revolução popular e atingir nossa pátria socialista. Mantenhamos sempre o dedo no gatilho e o olho no alvo, reforçemos incessantemente a unidade em torno de nosso querido Partido, para que nossa pátria seja sempre a inexpugnável fortaleza socialista, onde os inimigos não encontram nenhuma brecha.



**OUÇAM RÁDIO TIRANA,
A VOZ DA
REPÚBLICA POPULAR
SOCIALISTA DA ALBÂNIA**

Programação diária para o Brasil: 7 horas da manhã em ondas curtas de 25 e 31 metros. Às 20 e 22 horas em ondas curtas de 31 e 42 metros. Emissões de uma hora de duração.

Vida do Partido

Documento Histórico

Fazer crescer sistematicamente o nosso Partido*

Diógenes de Arruda Câmara

Sem dúvida, nosso Partido nos últimos tempos vem crescendo. Temos aumentado o número de nossos efetivos, têm surgido novas organizações do Partido. Entretanto, o crescimento do Partido não é uniforme. Houve um crescimento do Partido relativamente importante nas empresas de mais de 500 operários nos centros industriais de São Paulo, não acontecendo o mesmo no Distrito Federal, Estado do Rio, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Zona Marítima.

Mesmo em São Paulo, se houve um promissor crescimento do Partido nas empresas, fraquíssimo foi seu crescimento no campo, especialmente entre os assalariados agrícolas. Em muitos lugares do país onde devia existir o Partido, em grandes empresas e grandes concentrações operárias e camponesas, não temos ainda o Partido suficientemente organizado. Em outros lugares o Partido é pequeno ou está fraquíssimo, com os organismos funcionando e atuando com irregularidade.

Existem ainda lugares onde parou por completo o crescimento do Partido, onde diminuem os efetivos do Partido. Num grande número de empresas nem mesmo deitamos raízes. Devemos ver, portanto, as coisas com clareza: o Partido cresce, mas não cresce na medida em que pode e deve crescer. O ritmo de seu crescimento é muito aquém de nossas necessidades. O partido precisa ser grande mas atualmente é pequeno, é ainda pequeno para atender a todas as suas tarefas nos múltiplos terrenos de suas atividades.

Espontaneísmo

Ainda não tomamos decididamente em nossas mãos o trabalho de crescimento do Partido; não tomamos ainda o crescimento do Partido como uma tarefa política de primeira grandeza, como uma tarefa fundamental e decisiva.

Isto revela fundamentalmente o predomínio entre nós, do Comitê Nacional até as células, de uma séria tendência espontaneísta. Há uma lei: os Partidos Comunistas crescem mais rapidamente nos períodos de lutas, e crescimento dos Partidos Comunistas é mais lento nos períodos de descenso das lutas. Em nosso país há lutas, há diariamente lutas, as massas estão em constante movimento, o descontentamento se generaliza na maioria da população trabalhadora, as massas procuram a orientação do Partido, as massas admiram e prestigiam nosso Partido. Por que então nosso Partido cresce num ritmo ainda insatisfatório? É que o caráter espontâneo de muitas lutas e as fortes tendências espontaneístas no Partido determinam que o Partido não cresça como pode e como é necessário.

O espontaneísmo se revela na falta de perseverança e paciência no trabalho para fazer crescer o Partido, na falta de um trabalho diário e permanente sistematicamente organizado e sistematicamente controlado, na falta de continuidade da tarefa. Se não se colhem os frutos num abrir e fechar de olhos, se se encontra uma pequena dificuldade, surgem mil e um pretextos e simplesmente desiste-se da tarefa.

Planificar o trabalho

São poucos ainda os planos de recrutamento. Resiste-se mesmo à planificação do recrutamento, não se compreende suficientemente a importância política da tarefa, quase sempre reage-se diante das primeiras medidas de controle. Muitas vezes, os planos existem, mas são planos gerais e sem vida, sem tarefas claramente definidas sem prazo fixo para a execução das tarefas, sem responsáveis individuais pela execução de cada tarefa, sem esclarecimento público sobre sua importância, sem controle sistemático.

Entra mês e sai mês e não transformamos as ligações que temos nas empresas em células de empresas; entra mês e sai mês e os planos de construção de novas células ficam, em boa parte, no papel; entra mês e sai mês e não aproveitamos as imensas possibilidades que existem para em cada fábrica haver uma célula do Partido.

Arranquemos, pois, de nossas cabeças a falsa idéia de que o Partido pode crescer espontaneamente, sem nos preocuparmos com isto. Pensemos uma e mil vezes que no crescimento planejado e controlado do Partido, na existência do Partido suficientemente organizado, suficientemente arraigado nas empresas e suficientemente ligado às massas nas grandes concentrações operárias e camponesas, é que está, em grande medida, o centro do papel dirigente do Partido.

Crescer, crescer, crescer...

Pensemos seriamente no que Stálin mostrou como uma das principais características da situação contemporânea: "O crescimento da influência dos comunistas não pode ser considerado como obra casual, mas sim como um fenômeno inteiramente legítimo". O crescimento e fortalecimento dos Partidos Comunistas, o aumento da continuidade de sua influência entre as massas é hoje uma lei do desenvolvimento histórico."

Podemos ter um grande Partido, um Partido solidamente arraigado nas empresas e nas grandes concentrações operárias e camponesas. Existem todas as condições para fazer crescer o Partido num ritmo incomparavelmente mais rápido.

Trechos do informe apresentado pelo camarada Arruda em reunião do CC do Partido Comunista do Brasil, em 1952.

VOLTAR AS AÇÕES PARA AS BASES

Dynéas Fernandes de Aguiar

No novo quadro político em que vive o país, a atividade partidária está num processo de crescente dinamização.

A questão chave que precisamos resolver com diligência e espírito criativo é de como melhor mobilizar e organizar as amplas massas, pois só assim serão resolvidos a seu favor os graves problemas que o povo e a nação enfrentam.

Um dos principais aspectos que caracteriza o nosso Partido e o distingue das demais organizações partidárias é que enquanto os partidos burgueses procuram contato com as massas apenas em épocas de campanhas eleitorais, nossa atividade junto ao povo tem um caráter permanente e organizado.

A ligação cotidiana com as amplas massas não se dá espontaneamente nem apenas como fruto de ações ocasionais. Ela precisa ser planejada e desenvolvida com perseverança e tenacidade.

ORGANIZAÇÃO DE BASE E LIGAÇÃO COM AS MASSAS

Partido de um dos nossos princípios básicos de que a organização serve à política, a estrutura orgânica do Partido está toda ela voltada para possibilitar e garantir os mais estreitos vínculos com os mais variados setores da população. Esta orientação materializa-se e apóia-se na existência de uma ampla rede de organizações de base, pois são elas que asseguram os vínculos Partido-massas de maneira efetiva.

É através da organização de base que o Partido leva a sua orientação e encontra as formas mais corretas e ágeis de mobilização e organização das massas

COMBATER A DISPERSÃO ORGÂNICA

As tentativas de implementar a política do Partido apenas através dos organismos intermediários têm acarretado dispersão em nossa atividade, frouxidão orgânica nas bases, acúmulo de tarefas em poucos camaradas e fraco rendimento no trabalho.

Esse erro organizativo tem-se refletido em inúmeras atividades. Alguns atos públicos do Partido não têm passado de um "grande ativo". Comparecem apenas os militantes que giram em torno das direções intermediárias. Não se mobiliza o conjunto dos efetivos partidários e menos ainda as massas, o que traz prejuízos à nossa atividade. Atuando dessa maneira errada, o Partido volta-se para dentro de si mesmo e sua orientação, que tem um caráter amplo, acaba estreitando-se e ficando fechada num pequeno círculo de ativistas.

ESTRUTURAR NA BASE OS NOVOS FILIADOS

Alguns camaradas dirigentes de Regio-



nais e Municipais alegam que estão encontrando dificuldades em estruturar os novos filiados. Na maioria dos casos essas dificuldades existem onde o Partido não assenta a sua estrutura nas organizações de base. Sem o funcionamento regular destas torna-se difícil dar vida orgânica às centenas e milhares de novos filiados.

Este é hoje o principal entrave para o crescimento e fortalecimento do Partido. Todos os órgãos de direção, principalmente os Distritais e Municipais, devem concentrar sua atenção e esforço na estruturação e na vida orgânica das bases.

Todo o esforço que fazemos, corretamente, de trabalhar com forças e pessoas aliadas, se não for respaldado por nossa atividade junto às amplas massas perde sua potencialidade e enfraquece as nossas relações com essas forças. A vida tem demonstrado que ninguém deseja um aliado fraco, sem expressão política de massas.

Se participarmos ativamente das lutas no terreno econômico e social se destacará com mais força a necessidade de reforçarmos os nossos vínculos com as amplas massas. A atuação nos sindicatos será tanto maior e terá mais peso quanto mais organizações de base tenham atuando nas empresas. O mesmo podemos dizer sobre nossa atividade no movimento estudantil e nas entidades de moradores.

FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO

Para que as organizações de base possam cumprir suas funções de centros políticos de mobilização e organização das massas, é necessário que além de sua vida celular regular tenham núcleos dirigentes capacitados, que dominem a linha política, saibam estabelecer justa relação entre as lutas locais e parciais com as lutas mais gerais, que tenham visão ampla e saibam difundir as orientações partidárias.

Aos órgãos intermediários do partido cabe a responsabilidade de formação desses núcleos teórica, política e ideologicamente. Somente formando quadros e militantes capacitados, poderemos levar à prática a orientação de ter como centro principal de atuação do Partido junto às massas as organizações de base.

Operários e brasileiros, entrem para o seu partido, o PCdoB. Procure uma de nossas sedes:

- Alagoas: Rua Joaquim Távora, 349 — Centro Maceió Fone: 221.4634 — CEP 57.000
- Amazonas: Rua Henrique Martins, 100 — Centro Manaus Fone: 223.5530 — CEP 64.000.
- Bahia: Rua da Independência, 27 — Centro Salvador Fone: 241.6420 — CEP 40.000
- Ceará: Rua São Paulo, 1350 - Centro Fortaleza CEP. 60.000
- Distrito Federal: Edifício Venâncio, SDS Brasília — CEP 70.302
- Espírito Santo: Rua General Osório, 127 — 7º andar sala 711 — Centro Vitória — CEP 29.000
- Goiás: Rua 3, nº 380 — Centro Goiânia — Fone: 223.5571 — CEP 74.000
- Maranhão: Rua Oswaldo Cruz, 921 São Luiz Fone: 221.5777 — CEP 65.000
- Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 — Centro Cuiabá Fone: 321.5095 — CEP 78.000
- Minas Gerais: Rua Mato Grosso, 666 — sala 216 Belo Horizonte — Fone: 337.6361 — CEP 30.000
- Pará: Rua Manoel Barata, 990 Belém — CEP 66.000
- Paraíba: Praça 1817, Nº 88, 1º andar João Pessoa — CEP 58.000

- Pernambuco: Rua do Sossêgo, 419 — Boa Vista Recife — Fone: 222.3418 — CEP 50.000
- Piauí: Rua Desembargador Freitas, 1.459 Teresina — Fone: 222.2044 — CEP 64.000
- Rio de Janeiro: Rua do Rosário, 135 — salas 303/304 — Centro Rio de Janeiro — CEP 20.000
- Rio Grande do Sul: Rua Coronel Vicente, 596 — Centro Porto Alegre — Fone: 26.7581
- Rio Grande do Norte: Av Deodoro, 766 — Cidade Alta Natal — CEP 59.000
- São Paulo: Rua Capitão Macedo, 222 — Vila Mariana São Paulo — Fone: 549.2089 — CEP 04021

Operários, trabalhadores, camponeses, estudantes, professores, artistas, intelectuais, técnicos e profissionais liberais, jovens e mulheres das camadas populares, o PC do B alcançou sua legalidade. Entre para seu partido, o partido de luta pela democracia e pelo socialismo!

O PC do B, que sempre lutou contra a dominação estrangeira, contra a exploração dos trabalhadores e do povo, quer ter mais e mais brasileiros em suas fileiras para continuar na batalha que levará o Brasil à democracia, à independência e ao progresso.

Que surja o Partido onde houver homens e mulheres dispostos a lutar pela emancipação nacional e social! Cada célula ou comitê do Partido, que esses homens e mulheres do povo organizarão, será uma semente em solo fértil, que fará do PC do B uma organização forte e influente.



MELHORAR AS FINANÇAS

A atividade atual de nosso Partido exige uma ampla base material na sua infra-estrutura. Precisamos ter amplas sedes para o funcionamento dos Diretórios Regionais e Municipais e igualmente nos bairros para os Diretórios Distritais. Essas sedes precisam ser aparelhadas para atender às necessidades dos militantes, amigos e simpatizantes.

A campanha eleitoral em curso é uma importante oportunidade para a ampla difusão de nosso Manifesto e do Programa, bem como das propostas que o Partido tem em cada município onde se realizará o pleito. A impressão dos materiais programáticos e de propaganda, em quantidades que permitam sua ampla difusão exige que sejam montadas gráficas e a formação de técnicos impressores capacitados a produzir materiais de boa qualidade e apresentação.

Para atendermos todas essas necessidades, torna-se imperioso uma ampla campanha de finanças que possibilite a arrecadação de fundos suficientes que garantam o bom desempenho da atividade partidária. Essa campanha, como já dissemos, deve ter um caráter amplo e massivo. Devem ser planejadas atividades que nos vinculem ainda mais com as amplas massas. As campanhas passadas nos indicam que a confecção de distintivos, flâmulas, selos adesivos e outros com motivos políticos e artisticamente confeccionados são bons materiais para a arrecadação de finanças.

É preciso também, que saibamos abordar os amigos e simpatizantes que sempre se prontificaram a judar a luta democrática e patriótica. O desenvolvimento dessa campanha deve ganhar as ruas e mobilizar todos os que desejam ver o PC do B um partido forte, amplo e vinculado profundamente às massas.

Concurso A Leitura é indispensável

Como compreender a nossa luta, o porquê da necessidade da derrubada do capitalismo, da construção do socialismo, se não conhecermos o máximo possível sobre política, economia, filosofia e história?

Por isso a leitura é indispensável. São os livros que nos transmitem conhecimentos, que nos armam de sabedoria para enfrentar nossos inimigos. O militante comunista precisa ler, adquirir conhecimento de tudo que se passa em sua volta e no país e ainda sobre a humanidade.

Todas as organizações de base do Partido, os diretórios distritais, municipais e regionais devem se preocupar com essa questão e organizar jornadas de leitura, cursos e incentivar os camaradas a lerem, adquirirem conhecimentos.

Colaborando com essa campanha, A Classe Operária, o jornal dos comunistas, institui a partir deste número um concurso de leitura, que premiará os militantes que mais demonstrarem conhecimentos adquiridos pelos nossos livros, jornais e revistas.



PARTICIPE E GANHE! VALIOSO MATERIAL PARA SEU ESTUDO

Para concorrer a centenas de livros e assinaturas de A Classe Operária, inteiramente grátis, basta enviar a interpretação pessoal do 7º Capítulo do livro de Stálin "Problemas Econômicos do Socialismo na URSS", datilografado ou em letra de forma, em 40 linhas de 70 toques cada.

O endereço para envio é o seguinte:

Editora Anita Garibaldi Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - Bela Vista São Paulo - SP - CEP 01317 - Tel. 251-2729

Para receber seu prêmio ainda em outubro, envie o material até o dia 20 deste mês. As cartas que chegarem após essa data concorrerem no mês de novembro. Todas as cartas serão numeradas por ordem de chegada e sorteadas na penúltima quarta-feira de cada mês, pela Loteria Federal. Boa Sorte!

Vida do Partido

Bahia abre PC do B ao povo e filia milhares

À proporção que o ritmo da campanha eleitoral aumenta em Salvador, cresce o ritmo das filiações ao PC do B na Bahia. Centenas de novos militantes ingressam no Partido a cada comício em prol da candidatura de Mário Kertesz (PMDB) para a prefeitura e, além disso, dezenas de filiações são feitas por dia através das bancas montadas em vários pontos da cidade.

No interior, o Partido já inaugurou várias sedes das comissões diretoras municipais provisórias. Destacam-se as de Itabuna e Ilhéus, importantes centros da região cacauceira, Feira de Santana — segunda maior cidade do Estado, Juazeiro e Simões Filho, sede do Centro Industrial de Aratu. Em Salvador, há sedes distritais nas principais zonas eleitorais.

TRÊS SEMANAS, MIL FILIADOS

O resultado desse intenso trabalho desenvolvido no bojo da campanha eleitoral é bastante animador: nas três primeiras semanas da campanha de filiação já ingressaram no Partido em Salvador mil novos filiados.

Conforme o presidente da Comissão Diretora Regional Provisória, Olival Freire, o ritmo de filiação nos comícios tem-se mantido superior ao previsto. Eis alguns exemplos: no comício eleitoral no subúrbio de Periperi houve 350 filiações, no comício realizado no



Campanha de filiação em Salvador - Bahia - Ousadia no recrutamento

bairro popular de Castelo Branco, 170 filiações, e no realizado no bairro da Federação, onde há grande concentração de estudantes e populares, 200 filiações.

Quanto às bancas de filiação em Salvador, elas estão distribuídas nos pontos de maior concentração e movimento, merecendo destaque a da praça da Piedade, bem no centro da capital. Ai, por dia são filiados dezenas de novos membros.

A meta é filiar 15 mil novos membros no Estado até janeiro de 1986, distribuir 60 mil Declarações Programáticas e um milhão de Manifesto à Nação. Todos os efetivos partidários estão mobilizados para alcançar estes objetivos e trabalhando em ritmo de campanha, assegurou o Presidente

da Comissão Diretora Regional Provisória na Bahia, Olival Freire.

"MOMENTO" REAPARECE

Fruto também dessa intensa atividade e das exigências que o crescimento do Partido impõe, o PC do B está reeditando o tradicional jornal "O Momento", órgão da Comissão Diretora Regional Provisória. Circulando amplamente nos meios democráticos e populares, todo mês, "O Momento" faz parte da tradição de luta no Estado e existe desde 1940. No período da ditadura ficou alguns anos sem ser editado, reaparecendo, ainda na clandestinidade, a partir de 1981 para voltar ao grande público recentemente, conservando todo o vigor revolucionário.

Veja como uma base atua, mobiliza e se organiza

Tarde de sábado, 14 de setembro, dia de mais uma reunião da organização de base do Jardim Icarai, no distrito de Parelheiros, em Santo Amaro. Iguais a esta há dezenas de outras espalhadas pelo grande bairro operário da Zona Sul de São Paulo, com quase 2 milhões de habitantes, e onde trabalham cerca de 130 mil metalúrgicos.

O local da reunião é cedido por um camarada até que a sede do Partido no bairro seja alugada, o que deve ocorrer em breve. Os militantes são na maioria operários, homens e mulheres em igual proporção. Alguns vêm direto do emprego, outros ainda estão trabalhando e por isso não comparecerão. As companheiras trazem os filhos.

É um dia importante porque precede a realização do plebiscito em Santo Amaro. Durante 8 meses, o PC do B trabalhou na campanha pelo "não" à separação, junto com a Frente Popular contra a Autonomia, conscientizando a população quanto aos prejuízos que isso traria ao bairro, no que diz respeito ao aumento das tarifas de ônibus, saída da CMTC, desvalorização dos imóveis, telefone interurbano etc. *

Informe e Trabalho

O dirigente da organização de base, um operário metalúrgico, abre a reunião com informe sobre o trabalho, presta esclarecimentos sobre a votação, explica como vai ser a "boca de urna". Outro camarada completa:

"Nós vamos cobrir todos os 102 colégios e, além disso, vamos montar uma banca do Partido nos principais para a filiação. É uma mesa como esta: dois caixotes, uma tábua... Todo material necessário está naquela caixa (aponta para uma caixa de papelão). Ali tem o material do "não", do PC do B contra a separação, cartaz, selinho, fita crepe, material do Fernando Henrique, "A Classe Operária", Manifesto e Programa do Partido, fichas de filiação".

Todos querem uma previsão. Um dos companheiros diz que dentro das fábricas há uma espécie de termômetro de como está o ânimo do povo. "Se for votar todo mundo — antecipa ele — vai ser mesmo um massacre. É 90% "não". E tem que ser assim mesmo para ficar bem marcado".

A palavra passa para o dirigente da base. Ele comenta a propaganda eleitoral gratuita, principalmente a do Jânio, candidato da direita:

"A gente percebe que ele está combatendo o PC do B. É que essa gente tem medo de que o povo ganhe consciência. Não é o povo que tem medo dos comunistas, são eles!"

O povo se aproxima

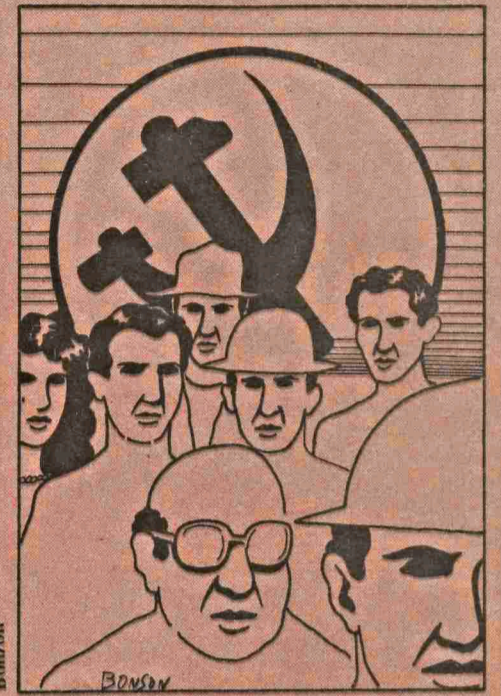
Já não há mais lugar na área cedida para a reunião. Por ser bem próxima à rua e aberta, muita gente chega para participar. Um dos militantes pede para se retirar, precisa dormir um pouco já que está há 24 horas sem pegar no sono, e o dia seguinte é de luta.

"O momento exige rapidez e objetividade", acentua o dirigente da base ao fazer um balanço do trabalho de seu organismo no bairro. Ele conheceu o PC do B quando participava da luta por moradia, achou que o modo como se organizava dava resultados e não demorou muito a pedir ingresso. "Nós que vivemos no sistema capitalista estranhamos quando alguém luta voluntariamente. Então vi os comunistas fazendo isso e me interessei".

A organização de base está em processo de rápido crescimento. Seus militantes, além de estarem presentes nas lutas do bairro, promovem o trabalho partidário na feira da Vila São José e de porta em porta. Na campanha contra a separação de Santo Amaro, o Partido, como um todo e no bairro, fez um trabalho de conscientização ao mesmo tempo em que divulgava a sua linha política, vinculando as várias frentes de luta.

"Na feira — relata o dirigente — ficava a perua de som falando sobre o problema da autonomia, colocando a posição do Partido e também esclarecendo porque apoiamos Fernando Henrique para a prefeitura. No trabalho de porta em porta, a perua de som também ficava na rua e mais ou menos 30 pessoas iam batendo nas portas, explicando a posição do Partido quanto à autonomia e falando sobre o apoio a Fernando Henrique.

É esse o nosso sistema, sempre vinculando as lutas ao momento em que vivemos".



Atuar e organizar

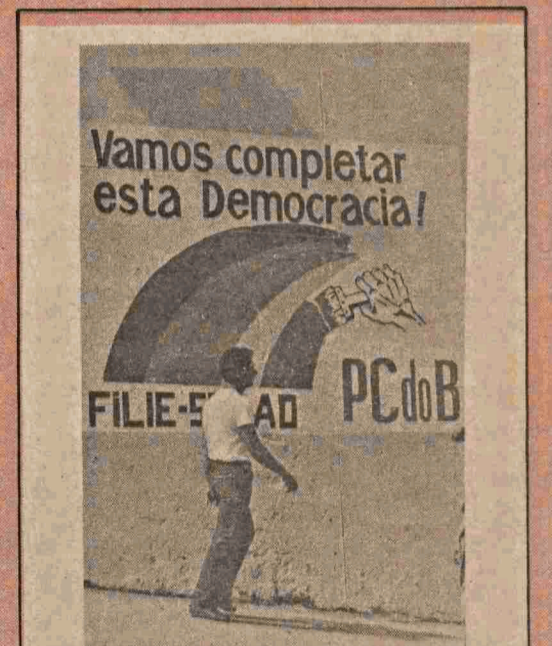
A dedicação dos militantes à Sociedade Amigos União de Jardim Icarai, fundada há um ano, passa por um trabalho de integração dos moradores para a melhoria das condições de vida. É nesse sentido que a luta pela água conseguiu mobilizar 90% da população num mutirão inesquecível. A vitória deixou todo mundo animado para enfrentar novos desafios como o da pavimentação das ruas, limpeza de córregos, pela construção de uma passarela na passagem de nível, necessária até como medida de segurança. A luta pela creche tem uma importância decisiva já que mobiliza as mulheres que trabalham fora e não têm com quem deixar as crianças, embora recorram às vizinhas quando podem. Para isso já está sendo preparado um abaixo-assinado.

Há no bairro militantes da União das Mulheres de São Paulo, que a cada 15 dias promovem uma reunião. Os jovens têm sua frente de luta, a União da Juventude Socialista, e quando mobilizados costumam lotar ônibus.

Os camaradas da organização de base estão conscientes de que é preciso trabalhar muito para organizar o "povo", ainda mais quando a disputa pelo espaço político é intensa, como ocorre em Jardim Icarai. O plano de organização prevê a cobertura total do bairro para que em todos os acontecimentos haja filiados participando. Será um trabalho de casa em casa, nas feiras, onde for possível.

É por isso que o dirigente da base fica à vontade para dizer: "A gente já pode se considerar uma força na região e com tendência a crescer".

O resultado do plebiscito em Santo Amaro: Dos 513 mil eleitores aptos a votar, 82% não compareceram às urnas. Dos 85 mil que votaram, 93% foram contra a separação. Somente 5 mil votos — menos de 1% do eleitorado — votou pela "autonomia".



Papel destacado na Campanha de Filiação de novos membros ao Partido é desempenhado pela agitação e propaganda, sobretudo aquela que usa recursos visuais artisticamente elaborados e de conteúdo afinado com o momento político. É o que mostra a experiência do Partido em Alagoas, com este belo chamativo "out-door".

Começou a campanha no Maranhão

O PC do B do Maranhão iniciou ampla atividade de filiação. Em São Luiz, no dia 23 de agosto, os militantes do Partido na área do centro da capital promoveram um grande ato de filiação na praça Deodoro — a principal da cidade por onde passam todos os ônibus urbanos e onde se concentram as escolas e o comércio. Durante todo o dia, as faixas e bandeiras do PC do B enfeitaram a praça com sua cor vermelha. Foram expostos materiais e documentos do Partido, distribuídos 5 mil manifestos, além de um panfleto que convocava o povo a se filiar à organização de vanguarda da classe operária.

A manifestação contou com a simpatia e a receptividade da população de São Luiz. Centenas de pessoas procuraram saber mais coisas sobre o PC do B e pediram material de leitura. Até o final do dia foram feitas 93 filiações.

A experiência deixou muito animados os jovens militantes que promoveram o ato. Eles já programam outras atividades do tipo nas escolas e bairros populares de São Luiz. Em todas as demais atividades partidárias programadas e algumas já realizadas, o clima tem sido o mesmo, ocorrendo também muitas filiações ao Partido.

Antigos militantes

No Maranhão, assim como em todo o Brasil, além de milhares de jovens combativos que ingressam no PC do B, também antigos militantes que perderam contato com o partido em função da dura vida

clandestina, agora voltam à militância e com mais garra que nunca. É o caso de três camaradas maranhenses: Antônio Paulino de Moraes, Josino Barros e Alquimar Ribeiro Guterres.

Josino Barros, entrou para o PC do Brasil em 1932, quando ainda morava na cidade de Parnaíba, no Piauí. Foi um dos principais organizadores do Partido naquele Estado, chegando a ser membro do Comitê Regional. Em 1936, época em que participava ativamente da propaganda e das lutas da Aliança Nacional Libertadora — ANL — foi preso e ficou detido por um período de 4 anos e 4 meses, acusado de subversão.

Chegou no Maranhão em 1942 para morar em Pedreiras, onde ficou até 1957 sem contato com o Partido. Reingressou no PC do B num período de intensa luta interna contra os revisionistas, e permaneceu fiel à legenda do partido do proletariado. Após 1970, com o recrudescimento da repressão e do fascismo, Josino perdeu contato novamente com o Partido, reencontrando-o agora, já no período da legalidade e passando novamente a milita no PC do B.

Antônio Paulino de Moraes, está na luta política e sindical desde 1945, mas só entrou no Partido em 1953, quando foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e participava da criação da ATAM — Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão. Depois que ingressou no Partido, ajudou a fundar ainda as associações de la-

vadores de Pirapemas, Caxias, Coroatá e Itapecuru-Mirim, onde passou a morar a partir de 1961. Nessa época, devido à sua luta para organizar os lavradores e resistir aos grileiros, ficou preso por 6 dias.

Com o golpe de 1964, Antônio Paulino perdeu contato com o Partido devido à feroz repressão desencadeada contra os comunistas e democratas. Agora, Antônio Paulino retorna ao Partido e é um dos seus mais ativos militantes.

Alquimar Ribeiro Guterres é um valoroso militante que sem deixar jamais de comungar com as idéias do PC do B, foi forçado pelas circunstâncias a ficar desligado do Partido, no qual entrou em 1943, após 10 anos de aproximação. Participou de todas as campanhas comunistas desde aquela época, como a do Petróleo é Nosso, da FEB e campanhas eleitorais. Com a colocação do Partido na ilegalidade em 1947, Alquimar foi demitido dos Correios e Telégrafos, onde trabalhava. Em 1954, Alquimar participou de várias lutas, entre elas a fundação da Associação dos Camponeses de Olho D'Água Seco.

Após o golpe militar de 1964, Alquimar foi preso três vezes: logo após o golpe, em 1964, no final daquele mesmo ano e em 1973, quando se viu obrigado a deixar a militância por viver sob liberdade vigiada. Alquimar rompeu com os revisionistas em 1963 e deu enorme contribuição para a reestruturação do PC do B após o surto revisionista. Agora, novamente ele está na frente de luta com o seu povo e seu Partido.

Receba em casa

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍVOS



A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Fazendo já sua assinatura

Sim ou quero receber A Classe Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor de Cr\$ 12.000 - Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - Fone: 251-2729 - CEP 01317

Nome
 Endereço
 Bairro
 Cidade
 CEP
 Estado
 Profissão
 Data



Os comunistas lutam e votam para consolidar a democracia



Este é o nosso sistema, sempre vinculando as lutas ao momento em que vivemos".